

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Sandra Arruda Grostein

**“A CIÊNCIA E A VERDADE”
A PSICANÁLISE PROPOSTA COMO UMA CIÊNCIA
NO TEXTO DE JACQUES LACAN**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Sandra Arruda Grostein

**“A CIÊNCIA E A VERDADE”
A PSICANÁLISE PROPOSTA COMO UMA CIÊNCIA
NO TEXTO DE JACQUES LACAN**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
com exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em História da Ciência, sob a orientação
da Prof^a. Dra. Maria Helena Roxo Beltran.**

SÃO PAULO

2010

Banca Examinadora

Para Nina e Daniel

Agradecimentos

Agradeço à orientação paciente e cuidadosa da Prof^a. Dra. Maria Helena Roxo Beltran;

Ao Prof. Dr. Paulo José Carvalho da Silva que me ajudou a dar os primeiros passos neste campo;

Aos professores do curso que me incentivaram na pesquisa em História da Ciência;

À Daniela de Camargo Barros Affonso pela leitura crítica do meu texto;

A Alice e Leigh pela participação;

A José Teixeira pelas observações preciosas;

À Dolores Costa pela constante ajuda;

À minha irmã Sonia Iglioni por ter me sugerido o programa de História da Ciência.

SUMÁRIO

RESUMO	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – “O Sujeito da Ciência”	17
1.1. Sujeito, um Correlato Essencial da Ciência	18
1.2. Realidade Psíquica e Percepção-Consciência	21
1.3. “O Pensamento Só Funda o Ser ao se Vincular à Fala”	25
1.4. O Saber Separado do Sujeito	30
1.5. Wo es war, soll ich warden	34
CAPÍTULO 2 – O Objeto da Psicanálise	36
1.1. A Crítica de Lacan às Ciências Humanas	36
1.2. A Proposta Piagetiana	39
1.3. Debate de Lacan com seus Pares Psicanalistas	44
1.4. O Sujeito Está em Exclusão Interna a seu Objeto	46
CAPÍTULO 3 – A Vocação Científica da Psicanálise	55
1.1. Continuísmo X Descontinuísmo	56
1.2. Uma Nova Concepção da Realidade	62
1.3. Psicanálise e Psicologia	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

RESUMO

A presente pesquisa visa a localizar no texto *A Ciência e a Verdade*, de Jacques Lacan, publicado em 1966, os argumentos com que ele justifica a vocação científica da psicanálise, e, principalmente, mostra que esta se insere no campo da ciência por meio do sujeito. Procurando, além disso, analisar se essas justificativas são consistentes e em que elementos se apoiam. A investigação está dividida em três partes, que correspondem a três capítulos da Dissertação, as quais têm os seguintes focos: o sujeito da ciência, o objeto da psicanálise e a vocação científica da psicanálise. Para aproximar a psicanálise da ciência, Lacan, no texto base, recusa, no entanto, incluir a psicanálise no bojo das ciências humanas. Em face disso, este trabalho objetiva encontrar, mediante o estudo da crítica, empreendida por Lacan, ao homem como objeto da ciência, o debate com a psicologia, implícito no texto. O argumento de que há equivalência entre o sujeito da ciência e o inconsciente freudiano é outro foco desta pesquisa. Buscar-se-á identificar, na leitura das referências freudianas apresentadas por Lacan no texto base, a coerência desta argumentação. Chega-se à conclusão de que a psicanálise tinha, e continua tendo, como na visão de Lacan, de enfrentar dois grandes obstáculos para localizar-se no campo científico: o primeiro, dizendo respeito ao debate, que se dá, em seus termos próprios, na ciência, sobre a questão do objeto, e o segundo, acerca da diferenciação em relação à psicologia, que visa a incluí-la em seu conjunto, na medida em que busca a unidade enquanto campo do saber.

Palavras-chave: sujeito da ciência, objeto da psicanálise, ensino lacaniano, descontinuidade em História da Ciência

Abstract

The following research aims to find in the text *Science and Truth*, by Jacques Lacan, published in 1966, the arguments with which he justifies the scientific vocation of psychoanalysis and most importantly, shows that it is located in the field of science through the subject. Searching beyond this, to analyze if these justifications are consistent and to identify through which elements they are supported. The investigation is divided into three parts, which correspond to the three chapters of the dissertation, which have the following focus:

The subject of science, the object of psychoanalysis and the scientific vocation of psychoanalysis. To bring together science and psychoanalysis, Lacan, in the main text, refuses to include psychoanalysis in the area of human science.

Considering this, the research aims to find, through the study of the criticism completed by Lacan, of man as the subject of science, the debate with psychology, implicit in the text.

The argument that there is equality between the subject of science and the Freudian unconscious is another focus of this research. Searching to identify the consistency of this argument through the Freudian references that Lacan is examining in the main text.

Concluding that psychoanalysis had, and still has, as in Lacan's view, to face two big challenges to be included in the scientific field: the first has to do with the question of the object and the second deals with the differentiation between psychoanalyses and psychology, that the latter seeks to include the first in its set, since it claims for a unity in its field of knowledge.

Key Words: Subject of science, object of psychoanalysis, Lacanian theory, discontinuity in History of Science.

Introdução

Jacques-Marie Émile Lacan, psiquiatra e psicanalista francês (13/04/1901 a 9/09/1981), autor de fundamental importância para a difusão da psicanálise no mundo, terá uma de suas conhecidas teses – “não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito”¹ – analisada no presente trabalho. Os argumentos que a sustentam estão amplamente desenvolvidos no texto *A Ciência e a Verdade*², publicado em 1966 nos *Écrits*, que continham o conjunto de sua obra até então. Escolhemos um dos textos escritos pelo próprio Lacan, já que outros textos do autor foram publicados com base no que foi resgatado de diferentes anotações, feitas tanto por ele, quanto pelos participantes de seus seminários. Seu ensino está tradicionalmente associado à transmissão escrita – nos *Écrits* – e à transmissão oral, desenvolvida em 26 Seminários proferidos anualmente, de 1953 a 1980³.

Esta pesquisa insere-se na área de História e Teoria da Ciência, e, na análise de *A Ciência e a Verdade*, busca localizar os argumentos lacanianos sobre o caráter científico da psicanálise. Será utilizada também uma cópia, ainda não publicada, das aulas do Seminário XIII – *O Objeto da Psicanálise* –, de 1965-1966, também de Jacques Lacan, uma vez que foi a aula inaugural desse seminário, a qual, quando

¹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 873.

² Estenografia da aula de abertura do seminário de 1965-1966 na École Normale Supérieure (ENS), sobre “O Objeto da Psicanálise”, publicada também no primeiro número da *Cahiers pour l'Analyse*, editada pelo Círculo de Epistemologia da ENS.

³ Deste conjunto de seminários, 14 foram transformados em livros e publicados em Paris pela Éditions du Seuil. A escolha dos 14 primeiros a serem publicados não foi cronológica, e, conseqüentemente, os 12 seminários restantes também não acompanham uma cronologia e estão acessíveis ao público nas chamadas “cópias piratas”. O texto *A Ciência e a Verdade* foi proferido como aula inaugural do Seminário XIII, antes de fazer parte da compilação dos textos lacanianos publicados nos *Écrits*.

reescrita e publicada, transformou-se no texto em questão. Outros textos lacanianos serão utilizados, principalmente quando citados como fonte em nosso texto base. Um deles será o Seminário XII – *Problemas Cruciais da Psicanálise* –, também em cópia de uso restrito aos participantes das instituições psicanalíticas responsáveis pela elaboração das cópias.

Em sua biografia, notamos a coincidência do momento em que Lacan iniciava sua carreira médica com o interesse pela psicanálise que ganhava impulso considerável em todos os setores do pensamento francês⁴. Foi, no entanto, a partir do período em que veio à luz sua tese sobre a paranoia que Lacan começou a elaborar sua transição da psiquiatria para a psicanálise, unindo a clínica psiquiátrica, a doutrina freudiana e o surrealismo⁵.

As teses apresentadas por Lacan em *A Ciência e a Verdade* questionam o lugar da psicanálise entre as ciências ditas “humanas”, particularmente no que diz respeito ao sujeito da psicanálise. A proposta de aproximar a psicanálise da ciência, para Lacan, dá-se por intermédio do sujeito da ciência.

O trabalho desenvolvido retoma as bases do *Discurso do Método*, de René Descartes, e, em função disso, Lacan, no texto citado, apresenta ao menos três hipóteses relativas ao sujeito da ciência, que se apoiam em Descartes:

- “o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência”;
- “não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito”;
- “sua relação com o saber , de seu momento historicamente natural, preserva o nome de cogito”.

⁴ Roudinesco, *Jacques Lacan: Esboço de uma Vida*, 31.

⁵ *Ibid.*, 48.

Há uma necessidade epistemológica em Lacan de precisar se o campo da psicanálise é o mesmo da ciência, buscando, em Freud, pontos de apoio, em Descartes, referências, e, em Georges Canguilhem e Alexandre Koyré, os argumentos.

Lacan critica a psicologia, principalmente por discordar de seu privilégio diante das ciências humanas; questiona esta especificidade ao dizer que “não há a ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito”⁶. Isto faz com que tenhamos de buscar as referências ao termo “sujeito” aí postas num jogo de palavras, próprio a Lacan, nos anos 60 do século XX.

Os argumentos apresentados por Lacan no texto em questão devem ser examinados com cuidado, e faz-se necessário buscar na história da psicologia como alguns aspectos dos fatos, obras e autores nela enfocados particularizam os conceitos de psicologia, homem, sujeito e objeto.

Boa parte dos textos sobre história da psicologia aponta para uma origem remota, como se esta área do conhecimento pudesse encontrar em sua fundação, no século XIX, ecos de uma experiência e de uma curiosidade bem anteriores.

Para incluir a psicanálise no campo científico, Lacan apoia sua hipótese no sujeito da ciência, e não na ciência do homem, utilizando-se de uma “modalidade muito especial de sujeito, aquele para o qual só encontramos o índice topológico”⁷.

A psicologia, por sua vez, ao tratar da subjetividade como a constituição de um plano de interioridade reflexiva, na qual há em cada vivência uma ancoragem em uma experiência de primeira pessoa, de um “eu”⁸. Também neste aspecto a psicanálise diferencia-se da psicologia, pois não se confundem os conceitos de “eu”

⁶ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 873.

⁷ Ibid.

⁸ Jacó-Vilela et al., *História da Psicologia*, 13.

e de sujeito, de interioridade e de exterioridade: “o sujeito está numa exclusão interna o seu objeto”⁹. Já para a psicologia, “a história de um plano de interioridade não visa à busca de uma experiência universal no homem, mas à compreensão da constituição desta experiência”¹⁰.

Para Canguilhem, é a partir do fim da psicologia como ciência natural, como para a física, tal como desenvolvida na *Física* de Aristóteles, que há, no século XVII, o nascimento da psicologia como ciência da subjetividade, advinda da reflexão e do trabalho dos físicos mecanicistas. Ele propõe que a “psicologia se faz física do sentido externo, para dar conta dos contra-sentidos de que a física mecanicista acusa o exercício dos sentidos na função de conhecimento”¹¹.

O desenvolvimento do conceito de sujeito e de subjetividade na história da psicologia segue uma sequência que pode ser contada como um capítulo dentro do domínio que Foucault (1984) chamou de história das técnicas de si, cuja pesquisa busca esclarecer as formas pelas quais os indivíduos estabeleciam relações de trato e cuidado consigo mesmos desde a Antiguidade pagã¹².

Para Canguilhem, o estudo da subjetividade também pode ser entendido como “ciência da consciência de si ou ciência do sentido interno”, e marca o início da atenção dada às contribuições de Descartes, cujo cerne é “o conhecimento direto que a alma tem dela mesma”¹³.

Como a psicanálise situa-se em relação à ciência moderna? Para participar desse debate, Lacan utiliza a tese de que “o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência”, e diz:

⁹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 873.

¹⁰ Jacó-Vilela et al., 15.

¹¹ Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 365.

¹² Jacó-Vilela et al., *História da Psicologia*, 19.

¹³ Canguilhem, 371.

[...] é preciso certa redução, às vezes demorada para se efetuar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência; redução que constitui propriamente o seu objeto. Pois, ao que eu saiba ainda não se explicou a mutação decisiva que por meio da física fundou A ciência no sentido moderno. Essa posição da ciência justifica-se por uma radical mudança de estilo no tempo de seu progresso, pela forma galopante de sua imisção em nosso mundo, pelas reações em cadeia que caracterizam o que podemos chamar de expansões de sua energética. Em tudo isso nos parece radical uma modificação em nossa posição de sujeito, no duplo sentido: de que ela (nossa posição) é inaugural nesta e de que a ciência a (nossa posição) reforça cada vez mais¹⁴.

Lacan declara “que é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência no século XVII”¹⁵. Retomou o caminho historicamente definido, inaugurado por Descartes, para tratar do tema do sujeito da psicanálise, e de sua “vocação” de ciência, em que se funda para o sujeito certa ancoragem no ser¹⁶.

O paradoxo, que se diz estar presente na afirmação lacaniana de que o sujeito com quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência, aponta, segundo ele, para o fato de ainda não se haver situado o objeto. “O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em exclusão interna ao seu objeto”¹⁷.

O objetivo de Lacan, ao retomar o *cogito*, é marcar a ruptura com a psicologia. O *cogito* se oferece na estratégia lacaniana como pivô em torno do qual ao mesmo tempo se gira necessariamente em direção à origem do sujeito, equivalente em Descartes e em Freud, sujeito, também, não identificado, apoiando-se na divisão entre saber e verdade¹⁸.

¹⁴ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 870.

¹⁵ *Ibid.*, 871.

¹⁶ *Ibid.*, 870.

¹⁷ *Ibid.*, 875.

¹⁸ Porge, & Soulez, *Le Moment Cartésien de la Psycanalyse*, 9.

O debate epistemológico presente no texto de Canguilhem traz a definição segundo a qual

“uma psicologia só pode ser considerada experimental em razão de sua metodologia e não por seu objeto. Mesmo que, apesar das aparências, é mais pelo objeto do que pelo método, que uma psicologia é considerada clínica, psicanalítica, social ou etnológica. Todos estes adjetivos são indicativos de um só e mesmo objeto de estudo: o homem”¹⁹.

O trabalho a ser aqui desenvolvido revisitará esses pontos, principalmente os que dizem respeito à proposição de Lacan de que o objeto da psicanálise não é o homem, pois o homem da ciência não existe, só seu sujeito, fazendo coincidir o sujeito da psicanálise com o da ciência.

Este se desenvolverá em três capítulos, e o primeiro será dedicado à tese propriamente dita – fazer coincidir o sujeito da ciência com o sujeito da psicanálise. Recuperar, nas elaborações do *cogito* cartesiano, a divisão proposta por Freud entre o inconsciente e a consciência.

Na atualização da leitura lacaniana da psicanálise, esta pesquisa visa a recuperar os pressupostos freudianos que ficaram em segundo plano conforme foram percorridos os caminhos e descaminhos dos pós-freudianos.

O estruturalismo estará presente no trabalho dando suporte ao exame da releitura de Freud feita por Lacan, em particular as elaborações de Lévi-Strauss sobre a antropologia estrutural, sustentada nos argumentos da linguística da época.

É, portanto, na articulação entre a lógica e a linguística, com um apelo às diferenças entre as proposições de Jakobson, Hjelmslev e Chomsky, que podemos concluir, sobre o sujeito do inconsciente, enquanto estruturado como linguagem, que ele é idêntico ao sujeito da ciência.

¹⁹ Canguilhem, “Qu’est-ce la Psychologie?”, 367.

O segundo capítulo trabalhará a diferença entre o objeto da psicanálise e o da psicologia em relação ao objeto da ciência.

Esse debate se dará em torno da crítica de Lacan às ciências humanas e, em particular, à psicologia de Piaget.

O Seminário XIII – *O Objeto em Psicanálise* – tem como eixo de trabalho a apresentação dos desenvolvimentos feitos por Lacan sobre a questão do objeto. Portanto, o debate com os psicanalistas contemporâneos também está presente.

O terceiro e último capítulo – voltado para a vocação científica da psicanálise – apresentará o debate científico propriamente dito com base nas proposições tanto de Canguilhem quanto de Koyré, autores trabalhados por Lacan no texto base.

As considerações feitas por ambos os autores, associadas às de Lacan, contextualizam as discussões relativas não só à psicanálise como ciência, mas também à história da ciência enquanto campo específico para localização dessas questões.

Nossa hipótese é que Jacques Lacan visava a diferenciar a psicanálise da psicologia, pois esta, ao se apresentar como científica, ocuparia um lugar privilegiado no campo do saber, e reservaria à psicanálise uma posição já ultrapassada e imprecisa em relação às exigências científicas.

Os argumentos utilizados por Lacan à época buscariam então resgatar o caráter científico da psicanálise, redefinindo os termos em questão, principalmente os conceitos de sujeito, de objeto, de ciência e de verdade.

Nosso objetivo é identificar entre os interlocutores presentes, implícita ou explicitamente, no texto *A Ciência e a Verdade*, aqueles cujos argumentos situariam a psicanálise entre os precursores da psicologia atual, reconhecendo-os com base nos pressupostos que sustentariam suas hipóteses, para diferenciá-los daqueles

que atribuem à psicanálise uma radicalidade conceitual, incluindo aí o próprio Lacan. Isto é, buscar diferenciar os argumentos que classificam a psicanálise como um saber ultrapassado, localizando sua influência no passado, daqueles representados por Lacan, que atualizam constantemente sua importância.

Capítulo 1

“O Sujeito da Ciência”

“Sujeito” é um termo usado na psicologia, na filosofia e na lógica, para designar o indivíduo, uma instância e uma variável tendo o predicado como função. Na psicanálise, foi Lacan que, entre 1950 e 1960, concebeu, em sua teoria do significante, a noção lógica e filosófica do sujeito, ao transformar o sujeito da consciência em sujeito do inconsciente, sujeito da ciência e sujeito do desejo²⁰.

Para Lacan, o termo “sujeito da ciência” justifica-se na medida em que quem faz ciência é um sujeito particularmente qualificado para constituí-la, uma vez que a ciência não pode ter vindo ao mundo sozinha²¹.

Além disso, o sujeito da ciência é a referência utilizada por Lacan para localizar precisamente a relação entre a ciência e a psicanálise, fazendo equivaler o sujeito da psicanálise ao sujeito da ciência²². Tal equivalência, segundo ele, dá-se no estabelecimento da relação do saber com a verdade. Recorre a Descartes e a seu famoso *cogito* para justificar a divisão entre o pensamento e a existência, referência que busca também no texto freudiano, encontrando-a na passagem da primeira para a segunda tópica²³. Propõe, portanto, que a psicanálise opera sobre um sujeito e faz coincidir o sujeito da psicanálise como o da ciência. Afirma, pois haver sujeitos que se diferenciam de qualquer manifestação de individualidade empírica²⁴.

²⁰ Roudinesco & Plon, *Dictionnaire de la psychanalyse*, 1030.

²¹ Lacan, *Escritos: Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*, 808.

²² Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 872.

²³ As duas tópicas freudianas: a primeira (1900-1920) propõe um aparelho psíquico composto de três elementos, o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A segunda (1920-1939) altera este aparelho para a intervenção de três instâncias: o id, o ego e o superego.

²⁴ Milner, *A Obra Clara*, 32.

Sujeito, um Correlato Essencial da Ciência²⁵

A inclusão do *Discurso do Método*²⁶ nesse contexto específico não objetiva comparações entre argumentos, mas recuperar os fundamentos das afirmações lacanianas. A seguinte passagem o exemplifica²⁷.

Tomei como fio condutor um certo momento do sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência: um momento historicamente definido, sobre o qual tenhamos de saber se ele é rigorosamente passível de repetição na experiência: o que foi inaugurado por Descartes e que é chamado cogito. Esse correlato é o desfilamento de um rechaço de todo saber, mas por isso pretende fundar para o sujeito certa ancoragem no ser, o qual sustentamos constituir o sujeito da ciência em sua definição²⁸.

O objetivo de Lacan, ao retomar o *Discurso do Método* para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências²⁹, é ressaltar que a origem do sujeito em Descartes e em Freud é a mesma, explicitando que este sujeito é dividido e não pode nem ser identificado, nem representado como unidade.

Nosso propósito ao retomar o *Discurso do Método* é questionar, como propõe Lacan, se o momento da divisão entre pensamento e existência, é passível de repetir-se na experiência, recuperando a sequência do raciocínio cartesiano e articulando-o ao de Freud. O texto de Descartes é dividido em seis partes – aquelas de maior interesse para o presente trabalho são a segunda, a terceira e,

²⁵ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 872.

²⁶ Descartes, *Discurso do Método*, 37-79.

²⁷ Na introdução do livro da Coleção Os Pensadores dedicado à obra de Descartes, o professor Gilles-Gaston Granger apresenta sucintamente uma “ideologia” cartesiana, que introduz, segundo ele, uma “idéia nova do homem e da natureza”, subdividida em três grandes temas: a laicização do saber, a causalidade e a empresa, ou seja, “organizar o mundo em vista da felicidade terrestre dos homens” (ibid., p. 27).

²⁸ Lacan, 870.

²⁹ No *Discurso do Método*, Descartes diz: “tenho como desígnio não ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei para conduzir a minha”. E acrescenta: “espero que ele seja útil a alguns sem ser nocivo a ninguém, e que todos me serão gratos por minha proposta”.

particularmente, a quarta, em que o autor descreve como chegou ao “penso, logo existo”³⁰.

Vale ressaltar que o esforço de Descartes em desenvolver um novo método de busca da verdade insere-se num contexto de crítica dos modernos aos antigos, explicitada em *As Paixões da Alma*³¹. A precisão historiográfica também nos ajudará a acompanhar esse “momento historicamente definido”:

[...] que nada há em que melhor apareça quão defeituosa são as ciências que recebemos dos antigos do que naquilo que escreveram sobre as paixões; pois, embora seja uma matéria cujo conhecimento foi sempre muito procurado, e ainda que não pareça ser das mais difíceis, porquanto cada qual sentindo-as em si próprio, não necessita tomar alhures para lhes descobrir a natureza, todavia o que os antigos delas ensinaram é tão pouco, e na maior parte tão pouco crível, que não posso alimentar qualquer esperança de me aproximar da verdade, senão distanciando-me dos caminhos que eles trilharam³².

Nessa via distanciada dos antigos, Descartes, em lugar de usar o grande número de preceitos que compõem a lógica, considera bastarem apenas quatro, desde que sempre observados.

Destacamos o seguinte recorte do texto cartesiano, das conclusões sobre o *cogito* que se encontram na quarta parte do *Discurso*:

Compreendi que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar e que para ser não necessita de lugar nenhum, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo que é mais fácil de conhecer do que ele, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser o que é³³.

A divisão proposta por Descartes, para quem há “uma substância cuja essência consiste no pensar e que a alma é inteiramente distinta do corpo”,

³⁰ Descartes, *Discurso do Método*, 54.

³¹ Descartes, *As Paixões da Alma*, 227.

³² Ibid.

³³ Descartes, *Discurso do Método*, 54.

fundamenta o dualismo corpo-alma, segundo o qual a medida do corpo é a extensão e a da alma é o pensamento. O conhecimento do corpo não se alcança por meio da alma, e o conhecimento da alma não pode ser feito mediante o conhecimento do corpo. A título de simplificação, poder-se-ia dizer que, para o racionalismo clássico, tudo aquilo que existe, e o homem é capaz de conhecer, tem uma razão ou causa que deve ser encontrada. Seria necessário buscar um fundamento real para a totalidade das coisas e das ideias Deus seria o ponto fixo a partir do qual as coisas passariam a existir, e as ideias encontrariam seu ponto fixo no sujeito racional³⁴.

Lacan, por sua vez, ao retomar Descartes, recupera no *cogito* a divisão entre o saber e a verdade própria ao sujeito da psicanálise. Ao estabelecer um paralelo entre o sujeito racional de Descartes e o sujeito dividido da psicanálise, “um sujeito tomado em sua divisão constitutiva”³⁵, ele participa do debate de sua época, conceituando esta divisão com base no estruturalismo e na linguística.

³⁴ Périer, *A Vida de Pascal*, 19.

³⁵ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 870.

Realidade Psíquica e Percepção-Consciência

O movimento de retorno a Freud³⁶, inaugurado por Lacan, propõe uma releitura dos textos e conceitos freudianos baseada no que se denominou sua “técnica de leitura”³⁷, movimento no qual se “constata que a chamada reformulação doutrinal não introduz nenhum certificado de aparelho”³⁸, e sim uma experiência dialética. Entendemos que aqui Lacan refere-se à passagem da primeira para a segunda tópica freudiana, sugerindo que a experiência dialética pode ser alcançada pela revisão dos propósitos de Freud expressos nos artigos sobre o fetichismo³⁹ e a perda da realidade⁴⁰, à luz da leitura de um outro artigo, sobre a *Ichspaltung*⁴¹.

O argumento de Lacan, de um lado, é uma crítica explícita à interpretação, feita pelos psicanalistas pós-freudianos, daquele momento de elaboração dos conceitos freudianos, e, de outro, é uma leitura própria, em que há a passagem da primeira para a segunda tópica, e o retorno.

O objetivo principal de Lacan é localizar a divisão constitutiva do sujeito da psicanálise, e o movimento dialético recai sobre os dois princípios do funcionamento mental⁴² – princípio do prazer e, mais especificamente, da realidade, que, segundo ele, se dividirá em realidade psíquica e sistema percepção-consciência.

³⁶ Dosse, *História do Estruturalismo*.

³⁷ Lacan, 870.

³⁸ Ibid.

³⁹ Freud, *Fetichismo*, 179.

⁴⁰ Freud, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, 229.

⁴¹ Freud, *A Divisão do Ego no Processo de Defesa*, 309.

⁴² Freud, *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*, 278-279. Neste texto ele diz: na psicologia que se baseia na psicanálise, acostumamo-nos a tomar como ponto de partida os processos mentais inconscientes, consideramos que são processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que era o único tipo de processo mental – o princípio do prazer e quando o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das exigências internas, e, a partir da ausência de satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono da tentativa de satisfação através da alucinação, o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais do mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio do funcionamento mental foi introduzido – o princípio de realidade.

Uma das referências da obra de Freud, em que encontramos a descrição desta divisão, é *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, texto de 1924⁴³, que diz:

a divisão do psíquico em o que é consciente e o que é inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise e somente ela torna possível a esta compreender os processos patológicos da vida mental, que são tão comuns quanto importantes, e encontrar lugar para eles na estrutura da ciência⁴⁴.

Essa divisão entre consciente e inconsciente, premissa fundamental da psicanálise, desdobra-se numa outra divisão, entre a percepção e o conhecimento, para concluir com uma fenda no ego, como processo de defesa. Os três artigos selecionados por Lacan para tratar da questão da divisão do sujeito apresentam os argumentos freudianos relativos a essa divisão, diante da qual a percepção de um fato e sua transformação em conhecimento sofrem desdobramentos diferentes, em patologias diferentes. Um dos mecanismos aí descritos é conhecido por “rejeição”: o sujeito rejeita o que foi percebido ao não tomar conhecimento daquilo que foi objeto da percepção.

Freud marca que há ao menos duas maneiras de negar, de rejeitar a realidade, a neurótica e a psicótica. Na neurose, o destino daquilo que foi percebido e “rejeitado” é a amnésia, que, sem ser total, mantendo-se de forma apenas parcial, dá origem a outra realidade, uma realidade psíquica resultante dos registros parciais. Na psicose, o destino daquilo que foi percebido é uma interferência na própria realidade, criando efetivamente uma nova realidade, com manifestações sintomáticas, como as alucinações.

⁴³ Freud, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, 229.

⁴⁴ Ibid.

Em *Fetichismo* (texto de 1927), o recorte pertinente é aquele no qual Freud propõe que a diferença principal entre a neurose e a psicose é que, “na primeira, o ego, a serviço da realidade, reprime um fragmento do Id, ao passo que, na psicose, ele se deixa induzir pelo Id a se desligar de um fragmento da realidade”⁴⁵. Há, porém, outro mecanismo identificado àquele do fetichismo: o de simultaneamente rejeitar e reconhecer um fragmento da realidade⁴⁶.

*Die Ichspaltung in Abwehrvorgang*⁴⁷ (A Divisão do Ego no Processo de Defesa), escrito provavelmente no Natal de 1937, mas datado de 2 de janeiro de 1938, um ano antes do falecimento de Freud, teve publicação póstuma em 1950, e foi, portanto, um dos últimos registros escritos de sua vasta obra. Lacan identifica na leitura desse texto uma reviravolta dialética. Diante de um conflito entre a exigência instintual e a proibição da realidade, verificam-se soluções – com o auxílio de certos mecanismos, rejeita-se a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição. Isto poderia levar à conclusão de que o eu acatou a exigência instintual. O que Freud descreve, porém, é que, ao contrário, o eu rejeita e reconhece o perigo da realidade, ao apresentar o medo como um sintoma, do qual ele tem que se desfazer⁴⁸.

Nessa solução, que Freud considera engenhosa, ambas as partes entram com sua cota, ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, e aumenta na medida em que o tempo passa⁴⁹. Lacan, ao marcar o momento de retomada da divisão constitutiva – caracterizada, afinal, como uma fenda –, atribui ao estruturalismo a competência de tornar lógico o movimento dialético feito por Freud

⁴⁵ Freud, *Fetichismo*, 183.

⁴⁶ *Ibid.*, 184.

⁴⁷ Freud, *A Divisão do Ego no Processo de Defesa*, 308.

⁴⁸ *Ibid.*, 309.

⁴⁹ *Ibid.*

pouco antes de sua morte. Isso deve ser lido, segundo Lacan, “como a linha de experiência que o sujeito da ciência sanciona”⁵⁰.

É para isso necessário retomar alguns argumentos, anteriormente apresentados, que numa certa medida estão presentes no texto base, como, por exemplo, em sua aula inaugural do Seminário II (1954-1955) – “O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise”⁵¹ –, para melhor acompanhar essa equivalência conceitual entre a fenda no ego e a divisão constitutiva do sujeito da psicanálise, tese fundamental de Lacan.

⁵⁰ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 871.

⁵¹ Lacan, *O Seminário. Livro 2*.

“O Pensamento Só Funda o Ser ao se Vincular à Fala”

Lacan faz equivaler, em sua leitura, a fenda no ego ao sujeito descentrado, ele retoma o percurso de que a noção do eu⁵² foi elaborada no decorrer dos séculos, seja pelos filósofos, seja pelo senso comum – uma noção pré-analítica do eu, segundo ele; entendendo que a psicanálise introduziu algo absolutamente novo no concernente à função do eu⁵³. Além desta premissa de que a concepção do eu em Freud é diferente do que foi proposto anteriormente, Lacan estabelece a relação do inconsciente freudiano e o eu nos seguintes termos:

o inconsciente escapa totalmente a um círculo de certezas no qual o homem se reconhece como eu. É fora deste campo que existe algo que tem todos os direitos de se expressar por [eu]⁵⁴ e que demonstra este direito de vir à luz expressando-se a título de [eu]. Justamente aquilo que é o mais não-reconhecido no campo do eu numa psicanálise, formula-se como sendo o [eu] propriamente dito. Tudo se organiza numa dialética em que o [eu] é distinto do eu⁵⁵.

É a partir da conhecida crise de 1920⁵⁶, que Freud, diante dos impasses da clínica, introduziu “as noções suplementares, necessárias para manter o princípio do descentramento do sujeito”⁵⁷.

Essa visão do sujeito descentrado, cindido, é inteiramente coerente com a noção de sujeito vigente, na época em que Lacan apresentava suas formulações, nos outros campos estruturalistas das ciências do homem. “Esse sujeito é, de certo modo, uma ficção, que só tem existência em virtude de sua dimensão simbólica, do

⁵² Lacan traduz as instâncias freudianas, ego, id e superego, para eu, isso e super-eu, além disso, pelo uso da língua francesa, o eu está desmembrado em *Je* e *moi*.

⁵³ Lacan, *O Seminário. Livro 2*, 9.

⁵⁴ A tradução do português utiliza-se da grafia [eu] para referir-se ao *Je* em francês e o eu, para o *moi*.

⁵⁵ Lacan, 15.

⁵⁶ São duas as tópicas freudianas: a primeira (1900-1920) é uma proposta de um aparelho psíquico composto de três elementos, o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. A segunda tópica (1920-1939) altera este aparelho para a intervenção de três instâncias – id, ego e superego.

⁵⁷ Lacan, *O Seminário. Livro 2*, 19.

significante”⁵⁸. Lacan apropria-se desta visão de sujeito também para criticar os caminhos que a corrente americana da psicanálise seguia nos anos 50 e 60 do século XX, a qual defendia “a existência do ego autônomo”⁵⁹.

Num outro texto muito importante, “A Instância da Letra no Inconsciente Freudiano”⁶⁰, Lacan associa o descentramento do sujeito como efeito do próprio significante que remete o sujeito para outro significante, e que é portanto produto da linguagem que fala nele, diferentemente do que ocorre com o sujeito falante. O inconsciente torna-se, então, efeito de linguagem, de suas regras de seu código. Vale lembrar que o *cogito* filosófico é que favorece esta “miragem que torna o homem moderno tão consciente de suas incertezas sobre si mesmo”⁶¹.

É fato que aproximação que Lacan estabeleceu entre o conceito de inconsciente e a linguagem teve consequências importantes, como no sentido de buscar uma aproximação da psicanálise com a ciência dessa época, apoiando-se em Saussure⁶² e Jakobson⁶³. Além disso, possibilitou “assegurar-lhe outra garantia que lhe permitiu rematar com êxito a sua iniciativa de sedução e de ambição científica: aquela proporcionada pela antropologia estrutural e, portanto, por Lévi-Strauss”⁶⁴.

A tese lacaniana de que a lógica do descentramento do sujeito está presente na linguística e na antropologia, daí a sua adaptação às ciências sociais, faz com que ele se apoie nestas ciências para encontrar os elementos capazes de sustentar que o conceito de sujeito em psicanálise é idêntico ao de sujeito da ciência.

⁵⁸ Dosse, *História do Estruturalismo*, 183.

⁵⁹ Lacan, *Escritos: A Instância da Letra no Inconsciente*.

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ *Ibid.*

⁶² Ferdinand Saussure (1857-1913), linguista suíço.

⁶³ Roman Jakobson (1896-1982), linguista russo.

⁶⁴ Dosse, *História do Estruturalismo*, 151.

O movimento estruturalista obteve a adesão de uma grande parte dos intelectuais na França dos anos 60 do século XX, e o reconhecimento de seus preceitos agrupou Lévi-Strauss, Foucault, Lacan, entre outros⁶⁵.

*As Estruturas Elementares de Parentesco*⁶⁶, obra que foi considerada a “pedra angular nas fundações do programa estruturalista”⁶⁷, questiona: “em que consistem as estruturas mentais para as quais apelamos e cuja universalidade acreditamos poder estabelecer”⁶⁸? Responde com três proposições⁶⁹:

1. A exigência da regra como regra.
2. A noção de reciprocidade considerada como a forma mais imediata em que se possa ser integrada a oposição entre o eu e o outro.
3. O caráter sintético do dom, isto é – o fato de que a transferência consentida de um valor de um indivíduo para outro os transforma em parceiros e acrescenta uma qualidade nova ao valor transferido.

No contexto da exigência da regra como regra, toma-se o exemplo da “proibição do incesto” para justificar ser este o único caso no qual se exigiria que as ciências naturais explicassem a existência de uma regra que seria sancionada pela autoridade dos homens⁷⁰, isto é, mesmo que proibição do incesto esteja na natureza, é só como regra social que poderemos apreendê-la⁷¹. Numa certa medida tomar a proibição do incesto como a “passagem do fato natural da consangüinidade ao fato cultural da aliança”⁷², ou ainda como “fato social total, troca que é dotada de

⁶⁵ Dosse, *História do Estruturalismo*, 151.

⁶⁶ Lévi-Strauss, *As Estruturas Elementares do Parentesco*.

⁶⁷ Dosse, 183.

⁶⁸ Lévi-Strauss, 72.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Lévi-Strauss, *As Estruturas Elementares do Parentesco*, 56.

⁷¹ Ibid., 62.

⁷² Ibid., 70.

significação simultaneamente social e religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral”⁷³.

A noção de reciprocidade entre o eu e o outro e “o que dá ao objeto seu valor é a relação com o outro”⁷⁴ marcam a passagem da natureza para a cultura, buscando um “deslocamento possível pelo encontro com a lingüística estrutural”⁷⁵.

A pesquisa desenvolvida por Lévi-Strauss buscava por meio de paradigmas básicos dos sistemas fonológicos, ultrapassar os fenômenos, estabelecer as relações métricas, visando à construção de leis gerais. Com base na proibição do incesto, Lévi-Strauss retira algumas consequências, com a união dos sexos ele retira outras.

No detalhamento das regras de parentesco e sua articulação com a comunicação propõe que “união dos sexos é objeto de uma transação cuja responsabilidade é assumida pela sociedade, trata-se de um fato social que a “comunicação das mulheres entre os grupos se dá graças as regras de parentesco”; que a “comunicação de bens e serviços acontece a partir das regras econômicas” e, a “comunicação de mensagens ocorre por meio das regras da lingüística”⁷⁶.

Retira dessas observações duas consequências fundamentais para o entendimento das articulações lacanianas quanto ao sujeito do inconsciente, isto é “o sistema de parentesco é uma linguagem”⁷⁷ e postula “a existência de uma correspondência formal entre a estrutura da língua e a do sistema de parentescos”⁷⁸.

Lacan extrai das elaborações lévi-straussianas que está claro que o autor “valoriza muito mais a importância da classificação natural que o selvagem introduz

⁷³ Lévi-Strauss, *As Estruturas Elementares do Parentesco*, 98.

⁷⁴ *Ibid.*, 62.

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ *Ibid.*, 62.

⁷⁷ *Ibid.*, 55.

⁷⁸ *Ibid.*

no mundo”⁷⁹ – de uma correlação dos valores perceptivos com uma arquitetura de moléculas – do que aquela que a psicanálise introduz “por intermédio da análise combinatória, pela matemática do significante”⁸⁰.

Lacan ressalta que, para Lévi-Strauss, “um dado informante é capaz de traçar sozinho o seu grafo depois de ter extraído a combinatória latente nas estruturas elementares do parentesco”, para tanto ele retira o sujeito da combinatória, estando ali o saber bem separado do sujeito.

⁷⁹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 876.

⁸⁰ *Ibid.*

O Saber Separado do Sujeito

Na estrutura dos mitos, a fim de demonstrar o “poder do instrumento constituído pelo mitema para analisar as transformações mitogênicas, ele não pretende fornecer-nos a natureza do mitante”. O objeto da mitogênese não se relaciona com o “sujeito responsável”, nem está ligado ao desenvolvimento, ele se relaciona com o sujeito da ciência⁸¹.

A obra de Lévi-Strauss exerce forte influência na leitura lacaniana quando esta estabelece uma clara relação entre a psicanálise e a ciência, em particular, ao destacar o sujeito neutro da ciência. Nesse percurso necessariamente passa pelas relações entre a antropologia e a linguística. A sequência das proposições lacanianas acaba por definir um elo entre a linguística, a lógica, a antropologia, a matemática, em contraposição à psicologia.

Nesse sentido as considerações de Lévi-Strauss citadas abaixo podem exemplificar essas associações.

No estudo dos problemas de parentesco, os sociólogos se vêem numa situação formalmente análoga à dos lingüistas fonólogos: como os fonemas, os termos de parentescos são elementos de significação; como eles só adquirem essa significação se integrados em sistemas; “os sistemas de parentescos”, assim como “os sistemas fonológicos”, são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente; e por fim a recorrência, em regiões afastadas do mundo e em sociedades profundamente diferentes, de formas de parentesco, regras de casamento e atitudes igualmente prescritas entre certos tipos de parentes, leva a crer que, num caso como no outro os *fenômenos observáveis* resultam da *operação de leis gerais, mas ocultas*⁸². O problema pode, portanto ser formulado do seguinte modo: numa outra ordem de realidade, os fenômenos de parentesco são fenômenos do mesmo tipo que os fenômenos lingüísticos. Poderiam os sociólogos, utilizando um método análogo quanto à forma ao que é utilizado pela fonologia, levar sua ciência a

⁸¹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 876.

⁸² Grifo do autor.

um progresso análogo ao que acaba de se dar nas ciências lingüísticas?⁸³.

Aquilo que já está incorporado na linguística, isto é, “que a análise fonológica não se aplica às palavras, mas apenas às palavras previamente dissociadas em fonema”⁸⁴, leva-nos a ver que, na psicanálise, assim como para a antropologia, a questão da análise ainda reproduz um importante debate relativo ao *status* do objeto da ciência, que, segundo Lacan, permanece opaco desde que a “ciência nasceu”⁸⁵. Desenvolveremos este ponto no próximo capítulo, no qual trataremos do tema do objeto da psicanálise.

A comunicação entre as disciplinas, apoiada no programa estruturalista, traçou um percurso que vai da análise fonológica, passando pela antropologia estrutural até o sujeito do inconsciente, tal qual proposto por Lacan.

A necessidade dessa colaboração pode ser, por exemplo, identificada nas palavras de Lévi-Strauss, segundo as quais “Kroeber em 1909 foi levado a concluir pela impossibilidade de uma análise estrutural dos termos de parentesco, porque a lingüística se encontrava naquele momento reduzida a uma análise fonética, psicológica e histórica”⁸⁶. Ainda considerando as diferentes abordagens da análise estrutural e fonética, ele lembra a “profunda diferença entre o quadro dos fonemas de uma língua e os termos de parentesco de uma sociedade”⁸⁷.

A retomada passo a passo das elaborações lévi-straussianas no contexto deste trabalho visa a localizar o ponto preciso em que Lacan apoiou-se nestas duas ciências – a antropologia e a linguística – para justificar o sujeito do inconsciente ser o sujeito da psicanálise, que, por sua vez, é o mesmo da ciência. Sujeito empenhado

⁸³ Lévi-Strauss, *Estruturas Elementares de Parentesco*, 46.

⁸⁴ *Ibid.*, 49.

⁸⁵ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 877.

⁸⁶ Lévi-Strauss, *Estruturas Elementares de Parentesco*, 69.

⁸⁷ *Ibid.*

em ir além da explicação, enfatizando a análise e a comparação do “observável”, sem sofrer diretamente a ação destas descobertas sobre si mesmo.

Lévi-Strauss lembra o fato de sabermos há muito que uma língua serve à comunicação. Mas, acrescenta ele, o que não se sabia, e a fonologia permitiu descobrir, “é o meio graças ao qual a linguagem obtém esse resultado”⁸⁸. Havia consciência da comunicação, “a função era evidente, mas o sistema permanecia desconhecido”.

Lacan acrescenta a seus argumentos a necessidade de uma revisão desse tema com vistas a modificar o lugar do objeto na ciência. Para ele, é preciso reduzir a questão do objeto ao fato de que a práxis psicanalítica implica um objeto – o objeto *a* –, e o saber sobre este nada tem a ver com a “ciência da psicanálise”. É com base no sujeito dividido – e nessa divisão o sujeito apreende por meio de imagens – que ele recebe o que pode receber da sua verdade.

Os esclarecimentos alcançados com base na utilização dos conceitos da antropologia estrutural, seja como explicação, seja como analogia, encontram-se na linguagem enquanto um fenômeno social. Nesse campo duas características são fundamentais para possibilitar um estudo científico: em primeiro lugar, a maioria dos comportamentos linguísticos situa-se no nível do pensamento inconsciente, isto é, ao falarmos, não temos consciência nem das leis sintáticas e morfológicas da língua, nem dos fonemas que usamos para diferenciar o sentido de nossas palavras e, menos ainda, das oposições fonológicas que permitem analisar cada fonema em elementos diferenciais. Em segundo lugar, poderíamos atribuir à falta de apreensão intuitiva das formulações que emergem do plano do pensamento científico e que persistem, apesar de as regras gramaticais ou fonológicas da língua serem

⁸⁸ Lévi-Strauss, *Estruturas Elementares de Parentesco*, 70

formuladas. Por outro lado, a língua vive e desenvolve-se como elaboração coletiva⁸⁹.

Os pressupostos de Lévi-Strauss expostos em seu texto são aqueles bastante conhecidos:

A linguagem é, portanto, um fenômeno social que constitui um objeto independente do observador e para o qual dispomos de longas séries estatísticas. Em lingüística é possível, portanto, afirmar que a influência do observador sobre o objeto observado é irrisória: não basta que o observador tome consciência do fenômeno para que este seja por isso modificado⁹⁰.

A afirmação lacaniana – “que nossa práxis, longe de alterar o sujeito da ciência, o único que se pode e se quer conhecer”⁹¹ – encontra um forte eco nos pressupostos acima mencionados. Ressalta diante desse pano de fundo a questão específica de saber de qual tipo de ciência se trata, uma vez que há rejeição a incluir a psicanálise no campo das ciências humanas. Lacan pergunta-se, então, se caberia associá-la às ciências conjecturais? “Queria isto [o fato de a psicanálise enquanto práxis não alterar o sujeito da ciência então dizer que um sujeito não saturado, mas calculável, constituiria o objeto que subsumiria o corpo das ciências a que chamaríamos conjecturais?”⁹² Este tema será retomado e discutido no Capítulo 3 do presente trabalho, em que abordaremos a vocação científica da psicanálise.

No entanto, nessa busca de precisão do sujeito da psicanálise enquanto sujeito da ciência, cabe retomar essa distinção entre sujeito não saturado, mas calculável.

⁸⁹ Lévi-Strauss, *Estruturas Elementares de Parentesco*, 68.

⁹⁰ *Ibid.*, 69.

⁹¹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 877.

⁹² *Ibid.*

Wo es war, soll ich werden

Uma vez mais retomaremos a divisão do sujeito entre o saber e a verdade para, com Lacan, traduzir o imperativo ético freudiano, Wo ES war, soll Ich werden “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir”. Esta referência no texto base recupera uma discussão teórica no âmbito da psicanálise que ficou conhecida como a “dupla inscrição”. Nessa discussão, o que causou estranhamento foi Lacan afirmar que a inscrição da verdade não se grava do mesmo lado do pergaminho que a inscrição que vem do lado do saber⁹³. Para estudar a mistura destas inscrições, é preciso apelar à lógica; é do lado da lógica que podemos prosseguir discutindo essa questão. A lógica aqui faz as vezes de “umbigo do sujeito”⁹⁴. Há, no entanto, diferenças teóricas a serem consideradas: entre as visões de Jakobson, de Hjelmslev ou ainda, mais proximamente, de Chomsky.

Partimos da hipótese de que o sujeito possa apresentar um caráter calculável, uma vez reduzido “à fórmula de uma matriz de combinações significantes”⁹⁵.

Se o sujeito falante é diferente do sujeito da ciência, cabe a questão de saber como transformar por meio da palavra o sujeito a quem ela dirige.

Onde isso (o inconsciente) estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir, implica uma diferença entre o [eu], o sujeito e o inconsciente. O sujeito falante não está consciente das regras de linguagem que lhe permitem falar, mas, por falar, ele

⁹³ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 878.

⁹⁴ *Ibid*, 875.

⁹⁵ Combinações significantes: partiremos da natureza do signo linguístico, tal qual definida e desenvolvida no *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure. Nessa obra ele propõe como unidade linguística o signo linguístico que une dois termos, não uma palavra à coisa, mas um conceito e uma imagem acústica, com a imagem acústica sendo a representação natural da palavra, fato de língua virtual, fora de toda realização da fala. O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces: o conceito é o significado, e a imagem acústica é o significante. Obedece a dois princípios: o da arbitrariedade do signo, isto é, o laço que une um significado a um significante é arbitrário, e um segundo princípio segundo o qual o caráter linear do significante, sendo este de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, e, ao se apresentar um após o outro, forma-se uma cadeia.

institui o Outro próprio da linguagem na qual a unidade mínima – significante – se articula. Desta maneira o psicanalista dá suporte ao Outro e ao mesmo tempo permite que apareça a diferença entre o eu e o outro: é aí que Lacan define como o lugar próprio ao objeto da psicanálise.

Capítulo 2

O Objeto da Psicanálise

A Crítica de Lacan às Ciências Humanas

O texto que serve de base para o presente estudo, como já explicado anteriormente, é a transcrição da aula inaugural do Seminário 13 proferido por Lacan, cujo título é “O Objeto da Psicanálise” (1965-1966). Este capítulo será dedicado a diferenciar o objeto da psicanálise do objeto da psicologia, procurando mostrar a relação destes com o objeto da ciência. Contribuirão para o desenvolvimento do trabalho autores, como Piaget e Lévy-Bruhl, antes citados e discutidos por Lacan no texto em estudo.

Analisaremos os comentários feitos por Lacan a respeito do assunto. Por exemplo, não agradava a ele o fato de a psicanálise precisar submeter-se à metodologia da época para ser considerada uma ciência, reservando-se-lhe lugar junto às ciências humanas.

É conhecida a minha repugnância de sempre pela denominação “ciências humanas”, que parece ser a própria voz da servidão. Até porque o termo é falso, excetuada a psicologia, que descobriu meios de se perpetuar nos préstimos que oferece à tecnocracia, e até, como concluiu com humor realmente swiftiano um artigo sensacional de Canguilhem, numa deslizada de tobogã do Panteão à Chefatura de Polícia. Aliás, é no nível da seleção do criador na ciência, do recrutamento da pesquisa e de sua manutenção, que a psicologia deparará com seu fracasso⁹⁶.

⁹⁶ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 874.

Retomaremos, também, os argumentos apresentados por Georges Canguilhem no texto “O que É Psicologia?”⁹⁷, citado por Lacan no trecho acima, para incluí-lo num debate sobre a história da psicologia, contextualizando a crítica lacaniana.

Como desenvolvido no primeiro capítulo, Lacan apoia sua hipótese no sujeito da ciência, e não no homem como objeto da ciência para incluir a psicanálise no campo científico, criticando o lugar da psicologia e “outras ciências desta classe”⁹⁸, e, em particular, Jean Piaget⁹⁹.

O questionamento de Lacan ao considerar o homem como objeto da ciência, seja como “homem primitivo”, para a antropologia, seja o comportamento para a psicologia, ou mesmo a criança, para a pedagogia, ou educação, remonta à tese de que, para a psicanálise, o homem está dividido entre saber e verdade, entre consciente e inconsciente¹⁰⁰, não se podendo, portanto, reconhecê-lo como objeto único, que englobaria o termo “humano”.

Logo, se o homem não pode ser considerado objeto da ciência, pois a ele é impossível atribuir uma unidade, como o faz a psicologia, qual seria então a proposta de Lacan para localizar o objeto da psicanálise? Ele diz:

Mas, para que o psicanalista saiba o que acontece com sua práxis, ou simplesmente que a dirige em conformidade com o que lhe é acessível, não basta que a divisão do sujeito seja para o psicanalista um fato empírico, nem tampouco que o fato empírico tenha se constituído em um paradoxo. É preciso certa redução, às vezes demorada para se efetuar, mas sempre decisiva no nascimento de uma ciência; redução que constitui propriamente seu objeto¹⁰¹.

⁹⁷ Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 365.

⁹⁸ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 874.

⁹⁹ Jean Piaget (Neuchatel, 9 de agosto de 1896-Genebra, 16 de setembro de 1980) estudou inicialmente Biologia, na Suíça, e posteriormente se dedicou às áreas de Psicologia, Epistemologia e Educação. Foi professor de Psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, e ficou conhecido principalmente por organizar o desenvolvimento cognitivo em uma série de estágios. Sua obra é muito vasta, sendo *A Linguagem e o Pensamento da Criança* e *A Construção do Real na Criança* as de maior relevância para o presente estudo.

¹⁰⁰ Divisão amplamente discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

¹⁰¹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 869.

Podemos supor que é, então, nessa peculiar relação entre o sujeito da ciência e o objeto da psicanálise que Lacan localiza a crítica à psicologia, em particular, o entendimento desta sobre o desenvolvimento, a evolução e a história. Para ele, estes movimentos são vazios de significação. Além disso, ressaltamos que o sujeito do significante, tal como foi articulado, veicula-se por meio da relação entre significantes, e deve ser “severamente distinguido tanto do indivíduo biológico quanto de qualquer evolução psicológica classificável como objeto da compreensão”¹⁰².

É, portanto, dentro desse contexto conceitual que Lacan desenvolve sua crítica à psicologia, não sem antes lembrar que

na psicanálise a história é uma dimensão diferente daquela do desenvolvimento e é uma aberração tentar reduzi-la a este – a história só se desenrola como um contratempo do desenvolvimento¹⁰³.

Essa precisão é necessária, uma vez que no início do século XX, quando da voga da teoria evolucionista, o estudo da criança sofre uma mudança, decorrente da alteração do conceito de desenvolvimento.

¹⁰² Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 890.

¹⁰³ *Ibid.*

A Proposta Piagetiana

O tema da criança como objeto da ciência é bastante amplo; inclui até mesmo a proposta de positivar a criança, isto é, estudá-la independentemente de sua relação com o adulto. Ou, ainda, a de E. Claparède¹⁰⁴, inspirada na psicologia da criança, que visa a uma mudança do questionamento anterior, mais voltado para uma reflexão filosófica – “significaria antes a desqualificação deste tipo de abordagem, em proveito da psicologia experimental e da biologia”¹⁰⁵.

É nessa interface com a biologia, mais precisamente, nas ideias de evolução e nos desdobramentos da relação da criança com a aquisição de conhecimento, na relação criança-adulto e na noção de desenvolvimento, que podemos localizar a obra de Jean Piaget. Ele considera a relação sujeito-objeto e criança e desenvolvimento nos seguintes termos:

De um lado, o conhecimento procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que se lhe imporiam: resultariam de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto, e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa, e não de trocas entre formas distintas. Por outro lado, e por consequência, se não existe no começo nem sujeito, no sentido epistêmico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será, portanto, o de construir mediadores: partindo da zona de contato entre o próprio corpo e as coisas, eles progredirão então, cada vez mais, nas duplas direções complementares do exterior e do interior, e é dessa dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Claparède, E. Psicólogo e pedagogo suíço (1873-1940). Principais obras: *L'Association des Idées* (1903), *Psychologie de l'Enfant et Pédagogie Expérimentale* (1909), *L'Éducation Fonctionnelle* (1931) e *La Genèse de l'Hypothèse* (1933).

¹⁰⁵ Ottavi, *De Darwin a Piaget*, 16.

¹⁰⁶ Piaget, *Epistemologia Genética*, 8.

Na elaboração da construção desses “mediadores”, Piaget afirma que a “psicogênese permanecerá incompreensível enquanto não se remontar até suas raízes orgânicas”¹⁰⁷; para tanto, propõe três caminhos: o empirismo lamarckiano, o inatismo dos instintos à inteligência e as autorregulações.

Para o propósito deste trabalho, ater-nos-emos à leitura do empirismo lamarckiano, comparando-a à de outros autores, uma vez que este é o ponto de partida, bastante polêmico, porém fundamental para a pesquisa psicológica da interligação do organismo com o meio, do sujeito com o objeto.

Piaget entende que vincular a aquisição do conhecimento exclusivamente aos efeitos da experiência corresponderia, na biologia, à doutrina lamarckiana¹⁰⁸; crítica, assim, com base nas proposições de Dobzhansky¹⁰⁹, as posições estritamente behavioristas¹¹⁰ e o famoso esquema estímulo-resposta, que “conservam um espírito lamarckiano”.

Quando Dobzhansky, entre outros, apresenta-nos o fenótipo como uma resposta do genoma às incitações do meio, esta resposta não significa que o organismo tenha simplesmente recebido a marca profunda de uma ação exterior, mas houve interação no sentido pleno do termo, ou seja, que, em consequência de uma tensão ou de um desequilíbrio provocados por uma mudança no meio, o organismo “inventou” por combinações uma solução original que culminou num novo equilíbrio¹¹¹.

Suas conclusões sobre a biogênese das estruturas cognitivas buscam na hereditariedade a orientação para a solução do problema da interação. Não se trata, portanto, nem de uma ação exclusiva do meio nem de uma pré-formação baseada

¹⁰⁷ Piaget, *Epistemologia Genética*, 58.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ T. H. Dobzhansky (1900-1975), geneticista e biólogo ucraniano que migrou para os Estados Unidos em 1927. Trabalhou com T. H. Morgan na Universidade Columbia, em experimentos genéticos com a mosca *Drosophila Melanogaster*.

¹¹⁰ Behaviorismo é o conjunto das teorias psicológicas que postulam o comportamento como o único objeto de estudo da psicologia, propondo a observação de modo mais objetivo tanto do comportamento humano quanto do animal, dando atenção a comportamentos observáveis, em função de estímulos e respostas, não fazendo uso do método de introspecção.

¹¹¹ Piaget, *Epistemologia Genética*, 58.

no puro inatismo. Trata-se do funcionamento, em circuitos, das autorregulações e de sua tendência intrínseca para o equilíbrio¹¹².

Retomaremos agora o texto base *A Ciência e a Verdade*, para localizar precisamente a referência que Lacan faz a Piaget:

Examinemos Lévy-Bruhl¹¹³ ou Piaget. Seus conceitos, a chamada mentalidade pré-lógica, o pensamento ou discurso pretensamente egocêntrico, não fazem referência senão à suposta mentalidade, ao pensamento presumido, ao discurso efetivo do sujeito da ciência, não estamos dizendo do homem da ciência. Piaget nada nos traz sobre a criança, pouco sobre o seu desenvolvimento, uma vez que lhe falta o essencial, e da lógica, que ela (a criança de Piaget) demonstra em sua resposta a enunciados cuja série constitui o teste, nada além da série que regeu sua enunciação para fins de teste, ou seja, a do cientista¹¹⁴.

Chama atenção, primeiramente, Lacan ter posto Lévy-Bruhl e Piaget juntos em sua crítica; em segundo lugar, o fato de questionar conjuntamente os conceitos de mentalidade pré-lógica e pensamento ou discurso egocêntrico e, finalmente, afirmar que para Piaget falta o essencial para tratar da criança e de seu desenvolvimento. Quanto à lógica, diz ele, interessam mais ao cientista os resultados dos testes do que exatamente avaliar o desenvolvimento do conhecimento na criança.

Entendemos que Lacan, ao associar Piaget a Lévy-Bruhl, busca criticar a ideia calcada no conceito de desenvolvimento “evolutivo”, isto é, do primitivo para o civilizado, da criança para o adulto. O pré-lógico, no entanto, segundo Lévy-Bruhl, quer dizer:

a mentalidade dos primitivos pode ser chamada pré-lógica, ou melhor mística. São dois aspectos de uma mesma propriedade, mais

¹¹² Piaget, *Epistemologia Genética*, 67.

¹¹³ L. Lévy-Bruhl (1857-1939), filósofo francês, estudou a psicologia dos povos primitivos, dando à antropologia um novo enfoque no entendimento dos fatores irracionais do pensamento social primitivo, das religiões primitivas e da mitologia.

¹¹⁴ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 874.

do que duas características distintas. Esta mentalidade será considerada mística se nós considerarmos especialmente o conteúdo das representações e pré-lógica se enfocamos as ligações entre elas. Pré-lógica não quer dizer um estado anterior à lógica, nem antilógica, nem tampouco alógica. Com pré-lógica, quero enfatizar que, diferentemente do nosso pensamento, a mentalidade pré-lógica não se sujeita a se abstrair da contradição, ela é indiferente à contradição, obedece antes de mais nada à participação, não se queixando ou evitando a contradição¹¹⁵.

A mentalidade pré-lógica diz respeito à associação dos conteúdos da representação, que, quando comparados à mentalidade lógica supostamente atribuída ao homem civilizado, ressaltam o modo com que esta suporta a contradição. A ideia atribuída ao pré-lógico, então, não se refere a uma anterioridade à lógica. Lacan, ao criticar Lévy-Bruhl, sugere que a posição do cientista, enquanto homem da ciência, interfere na interpretação dos fatos de tal maneira, que a comparação estabelecida entre as mentalidades situa “as mentalidades primitivas” do lado do objeto e as “mentalidades lógicas” do lado do sujeito. Torna-se inevitável um julgamento de valores nessa comparação, há uma diferença de qualidade em relação ao lógico e à história. Quanto ao pensamento egocêntrico, acrescenta que este admite a ideia de que até certa idade as crianças pensam e agem de maneira mais egocêntrica do que os adultos, e que o egocentrismo é percebido, pois grande parte daquilo que dizem não visa uma interlocução com ninguém¹¹⁶.

Por que nesse momento de seu ensino Lacan está preocupado com as elaborações de Lévy-Bruhl e de Piaget? Em que medida as hipóteses acima interferem nas articulações lacanianas sobre a linguagem?

Um entendimento possível da afirmação de que falta a Piaget o essencial para tratar do desenvolvimento da criança levaria a concluir que, para ele, a criança

¹¹⁵ Lévy-Bruhl, *Contre le Postulat de l'Identité de la Nature Humaine, La Morale et la Science des Mœurs* (1903), 76.

¹¹⁶ Piaget, *A Linguagem e o Pensamento da Criança*, 36.

em seu desenvolvimento caminha, passando pelos mediadores de autorregulação, do egocentrismo em direção ao outro, saindo da posição de “falar sem se dirigir a alguém” para o reconhecimento de um interlocutor. Já para a psicanálise, o caminho traçado seria o inverso, como descreve Lacan no *Seminário. Livro 5: As Formações do Inconsciente*:

Definimos o Outro como o lugar da fala. Esse Outro institui-se e se desenha pelo simples fato de que o sujeito fala. Por esse simples fato, o grande Outro nasce como lugar da fala. Isso não quer dizer, no entanto, que ele se materialize como sujeito de sua alteridade. O Outro é invocado todas as vezes em que há fala¹¹⁷.

¹¹⁷ Lacan, *Seminário. Livro 5, 42*.

Debate de Lacan com seus Pares Psicanalistas

A crítica de Lacan à psicologia também visa os psicanalistas de sua época, que se pautavam em parte por parâmetros definidos entre psicólogos. Para ele, seria um desvio da psicanálise fazer equivaler a criança ao primitivo, como fazia a psicologia. Explica o equívoco da teoria em curso por encarnar o sujeito no homem, fazendo-o voltar à criança, tratando assim o processo primário como primitivo, mascarando a originalidade do que se passa durante a infância¹¹⁸. E acrescenta que a teoria psicanalítica aceita um único sujeito, “aquele que pode constituí-la como científica”¹¹⁹.

O único aqui não se refere à unidade, mas à exclusividade, deixando explícita a divergência de Lacan com a tendência da psicanálise que ficou conhecida como “*self-psychology*”.

O sujeito é diferente de um si mesmo, daquilo que é chamado por uma palavra elegante em inglês, o *self*. O fato de dizê-lo em inglês isola-o e permite distinguir bem o que isso significa, ou seja, o que há de irreduzível na presença do indivíduo no mundo. Esse *self* transforma-se em sujeito propriamente dito, e sujeito barrado, no sentido como o simbolizamos, na medida em que é marcado pela condição que o subordina não somente ao Outro como lugar da fala, mas ao Outro como ele mesmo. Não é o sujeito da relação com o mundo, da relação do olho com o mundo, da relação sujeito-objeto que é a do conhecimento. É o sujeito que nasce no momento da emergência do indivíduo humano nas condições da fala, e como marcado, portanto, pelo Outro, por sua vez condicionado e marcado pelas condições da fala¹²⁰.

O caminho traçado por Lacan, do “retorno a Freud”, já anunciava ou denunciava o desvio que a psicanálise teria sofrido após a morte de Freud, o que lhe custou o afastamento “compulsório” da International Psychoanalytical Association

¹¹⁸ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 873.

¹¹⁹ *Ibid.*

¹²⁰ Lacan, *Seminário. Livro 5*, 39.

(IPA) em 1964, pouco menos de dois anos antes da apresentação do texto que nos serve de referência. Portanto, é sob o impacto dessa política institucional que o Seminário “O Objeto da Psicanálise” foi ministrado, sendo precedido teoricamente por “Os Problemas Cruciais para a Psicanálise” (1964-1965) e seguido por “A Lógica da Fantasia” (1966-1967).

Logo no início do texto base Lacan esclarece que trabalhou o conceito de sujeito no ano anterior, ou seja, no decorrer do Seminário sobre os problemas cruciais, tendo avançado na direção do objeto como se fosse um caminho logicamente sustentado.

O Sujeito Está em Exclusão Interna a seu Objeto

A especificidade do objeto da psicanálise é relativizada, quando comparada ao objeto da psicologia. Para estabelecer esta relação, retomaremos o texto “O que É a Psicologia”¹²¹, de Georges Canguilhem, no qual ele sugere que a unidade da psicologia deve-se mais a acordos entre profissionais do que a “uma essência lógica obtida pela revelação de uma constância numa variedade de casos”¹²². Propõe então as seguintes subdivisões: psicologia como ciência natural; como ciência da subjetividade – a física do sentido externo, a do sentido interno e a do sentido íntimo –; a psicologia como ciência das reações e do comportamento. Discute também os aspectos relativos ao método e ao objeto da psicologia; chegando a esta formulação: “apesar das aparências, é pelo objeto mais do que pelo método que uma psicologia é chamada clínica, psicanalítica, social, etnológica. Todos estes adjetivos são indicativos de um só objeto: o homem”¹²³.

A crítica de Lacan à psicologia sustenta-se principalmente com base em sua discordância quanto ao privilégio obtido por essa área em relação às ciências humanas. Ao questionar esta especificidade, por abordar a questão da unidade relativa ao homem enquanto objeto da ciência, seja ou não na psicologia, nosso autor relança o debate sobre o sujeito e o objeto da psicanálise.

Os argumentos apresentados devem ser examinados com cuidado, e faz-se necessário levantar, na história da psicologia, alguns aspectos que particularizam os conceitos do que é psicologia, homem, sujeito e objeto.

¹²¹ Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 367.

¹²² Ibid.

¹²³ Ibid.

Boa parte dos textos sobre história da psicologia aponta para uma origem remota, como se a psicologia pudesse ter encontrado, em sua fundação no século XIX, ecos de uma experiência e de uma curiosidade bem anteriores; daí a clássica frase de Hermann Ebbinghaus: “A Psicologia tem um longo passado, mas uma curta história”¹²⁴.

A questão propriamente dita da unidade da psicologia, de acordo com Canguilhem, sugere considerarmos

o conjunto do saber e das práticas psicológicas contemporâneas como experiências constitutivas fundamentais, uma vez que presentes em todas as psicologias. Tais experiências referem-se respectivamente à constituição de um domínio de interioridade reflexiva (a nossa subjetividade) e de um campo de singularização valorativa num espaço coletivo (nossa individualidade)¹²⁵.

Lacan apoia sua hipótese no sujeito da ciência, e não na ciência do homem, utilizando uma “modalidade muito especial de sujeito, aquele para o qual só encontramos o índice topológico”¹²⁶.

A psicologia, por sua vez, entende por subjetividade “a constituição de um plano de interioridade reflexiva, em que cada vivência se encontra centrada e ancorada em uma experiência de primeira pessoa, de um ‘eu’”.¹²⁷ Também neste aspecto a psicanálise diferencia-se, pois não se confundem os conceitos de “eu” e de sujeito, de interioridade e de exterioridade, “o sujeito está numa exclusão interna a seu objeto”¹²⁸. Já para a psicologia, “a história de um plano de interioridade não visa à busca de uma experiência universal no homem, mas à compreensão da constituição desta experiência”¹²⁹.

¹²⁴ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 13.

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 875.

¹²⁷ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 15.

¹²⁸ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 875.

¹²⁹ Jacó-Vilela *et al.*, 16.

Para Canguilhem, é a partir do fim da psicologia como “parafísica”, ou seja, enquanto ciência natural, tal qual desenvolvida na *Física* de Aristóteles, e, portanto, em seus desdobramentos no século XVII, que se identifica o nascimento da psicologia como ciência da subjetividade, advinda do trabalho dos físicos mecanicistas. Ele propõe também que a “psicologia se faz física do sentido externo para dar conta dos contra-sentidos de que a física mecanicista acusa o exercício dos sentidos na função de conhecimento”¹³⁰.

O desenvolvimento do conceito de sujeito e de subjetividade na história da psicologia segue rumos e percursos cheios de percalços. Segundo Leal Ferreira,

“essa história pode ser contada como um capítulo dentro do domínio que Foucault (1984) chamou de ‘história das técnicas de si’, procurando, pois, desvendar as formas como os indivíduos estabeleciam relações de trato e cuidado consigo desde a Antiguidade pagã”¹³¹.

Canguilhem considera que o estudo da subjetividade também pode ser entendido como “ciência da consciência de si, ou ciência do sentido interno” e localiza o início dessas preocupações com Descartes, para quem a interioridade é “o conhecimento direto que a alma tem dela mesma”¹³².

Estabelece-se uma relação de contiguidade entre a subjetividade e a interioridade, e quanto a isto não há concordância entre os autores pesquisados, pois, para Leal Ferreira, “a invenção da interioridade individualizada e da hermenêutica como instrumento de verdade só será processada a partir de uma ética cristã, gestada a partir do século II d.C.”¹³³. As hipóteses de Leal Ferreira mostram que há mudanças entre a interioridade na ética cristã e o cuidado de si

¹³⁰ Canguilhem, G. “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 369.

¹³¹ Jacó-Vilela *et al.*, 17.

¹³² Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 371.

¹³³ Jacó-Vilela *et al.*, 18.

moderno, isto é, “não se busca mais uma purificação da alma para atingir Deus, mas uma pura afirmação de si”¹³⁴.

Podemos dizer, no entanto, que a maioria dos estudiosos pesquisados concorda que, no que diz respeito aos conceitos de subjetividade e interioridade, os autores mais importantes são Descartes e Kant.

O personagem chave nessa nova abordagem da interioridade é o filósofo moderno René Descartes (1596-1650). É esse o autor que encontra no recurso à própria subjetividade a base para o estabelecimento das novas certezas e o palco para que se possa distinguir a verdade do erro¹³⁵.

Este tema foi amplamente desenvolvido no capítulo anterior, mas neste ponto de nossa discussão, podemos dizer que, quanto a isto, Lacan está de acordo, este sujeito – o sujeito que é um “correlato essencial da ciência”¹³⁶ – que busca a verdade por meio de uma investigação de si mesmo promove a divisão entre o saber e a verdade.

A busca da concepção de verdade que corresponda ao saber promovido pela psicanálise como prática, e a consequente inclusão desta no campo da ciência, leva Lacan a questionar a verdade como causa.

No entanto, a articulação da relação do saber e da verdade na psicologia ajuda a compreender a crítica que Lacan faz a este campo do saber, que identifica o sujeito como sede da verdade.

O questionamento da verdade esbarra na possibilidade de se ter a intuição imediata do próprio eu pensante, que impõe um novo ponto de partida para o pensamento ocidental. Diferentemente da busca das essências dos seres, ou do fundamento divino da existência, procura-se localizar o Espírito e o sujeito enquanto

¹³⁴ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 18.

¹³⁵ *Ibid*, 19.

¹³⁶ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 870.

sedes da verdade. É neste contexto que o pensamento ocidental volta-se para o conhecimento, e em nova base: “para saber da verdade dos objetos conhecidos passa a ser necessário saber, antes, da verdade do sujeito”¹³⁷.

Nesse contraponto com a história da psicologia, levando em conta o contexto da subjetividade, cabe citar Immanuel Kant (1724-1804), que, segundo Canguilhem,

mostra que, de um lado, o sentido interno fenomenal é uma forma de intuição empírica que tende a se confundir com o tempo, e que, por outro lado, o sujeito é uma função de organização da experiência, mas do qual não poderia haver ciência, uma vez que ele é a condição transcendental de toda ciência¹³⁸.

Com Leal Ferreira, podemos entender que uma psicologia empírica seria possível para Kant, desde que o sujeito empírico, e não o transcendental, fizesse “o exame das nossas experiências conscientes, a partir de um elemento discreto de análise, de matematização e de um mínimo de objetividade”¹³⁹.

No âmbito da discussão sobre a história da psicologia e sua inserção na ciência moderna surge, na Alemanha, no final do século XIX, o projeto da psicologia enquanto ciência da experiência, que se basearia na fisiologia, e seria sustentado pelo conceito de sensação, sendo este considerado como elemento objetivo e matematizável. Foi o conceito de sensação que ocupou na psicologia o lugar do sujeito transcendental de Kant, permitindo a Wilhelm Wundt¹⁴⁰ propor a psicologia agora enquadrada como disciplina científica¹⁴¹.

¹³⁷ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 18.

¹³⁸ Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 372.

¹³⁹ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 22.

¹⁴⁰ O alemão Wilhelm Wundt (Neckarau, 16 de agosto de 1832-Großbothen, 31 de agosto de 1920) foi médico, filósofo e psicólogo. É considerado muito importante para o advento da psicologia moderna devido à criação do Instituto Experimental de Psicologia.

¹⁴¹ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 21.

Canguilhem situa no século XVIII o aparecimento do termo “psicologia” aplicado à ciência do eu, e no século XIX a constituição de uma psicologia que se aproxima de “uma biologia do comportamento humano”¹⁴².

A expressão “ciências humanas” foi rejeitada por Lacan e, ao mesmo tempo, associada por ele à psicologia. No âmbito da história da psicologia, encontramos, por exemplo:

A psicologia no século XVIII precisa ser considerada, no quadro geral da antropologia, de duas maneiras: como uma ciência do homem, que incluía os temas principais das ciências humanas, e como uma visão geralmente cristã da constituição e do destino da humanidade¹⁴³.

Nessa época Hume¹⁴⁴ promovia uma ciência do homem que estava estreitamente ligada à crítica da religião. Mas há indicações na literatura de que esse não era o caso da maioria dos autores engajados na psicologia e na antropologia.

Considerando a discussão nos termos de Hume, para ele, os princípios de associação (semelhança, contiguidade no tempo e no espaço e relação de causa e efeito) eram equivalentes ao princípio de atração universal de Newton. “Mas nem todos os Newtons da mente aceitavam que a mente era redutível à matéria em movimento.” O que se encontra é exatamente o contrário: para a maioria dos psicólogos do século XVIII, a definição cristã do homem como composto de corpo e alma era o que mais lhes convinha¹⁴⁵.

Dar continuidade ao debate historiográfico sobre a psicologia seria fascinante, mas o direcionamento dado à questão do dualismo corpo e alma afasta-se dos

¹⁴² Canguilhem, “Qu’est-ce que la Psychologie?”, 376.

¹⁴³ Vidal, “A mais Útil de todas as Ciências”. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, 64.

¹⁴⁴ David Hume (Edimburgo, 7 de maio de 1711-Edimburgo, 25 de agosto de 1776), filósofo e historiador escocês, foi, juntamente com Adam Smith e Thomas Reid, entre outros, uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto por vezes como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos, depois de John Locke e George Berkeley.

¹⁴⁵ Vidal, “A mais Útil de todas as Ciências”. Configurações, 65.

objetivos deste trabalho. Mas é importante, para concluir este desenvolvimento conceitual, citar também a contribuição de Charles Bonnet¹⁴⁶, que formula, segundo Vidal, a premissa da psicologia empírica do Iluminismo: “Nós só conhecemos a alma através de suas faculdades; nós só conhecemos tais faculdades através de seus efeitos. Estes efeitos tornam-se aparentes através da intervenção do corpo”¹⁴⁷.

Retomaremos os dizeres de Lacan, que, citando Canguilhem, situa a psicologia como um campo do conhecimento voltado para a adaptação à ordem pública e em oposição aos grandes pensadores ou filósofos. Em suas considerações, Canguilhem é bastante crítico ao dizer que, “em muitos trabalhos de psicologia, tem-se a impressão de que se confundem uma filosofia sem rigor, uma ética sem exigência e uma medicina sem controle”¹⁴⁸.

Esses aspectos devem ser trabalhados em outro contexto, pois a continuidade de nossas considerações implicaria aprofundar os desdobramentos da psicologia enquanto ciência e técnica da adaptação.

Nesse momento de seu ensino, Lacan, ao rejeitar o enquadramento da psicanálise junto às ciências humanas, aproxima-a das ciências conjeturais. Buscaremos aqui refazer esse caminho argumentativo, objetivando melhor circunscrever o campo do objeto da psicanálise.

Lacan prefere então opor as ciências exatas às ciências conjeturais, apesar de ele mesmo questionar esta oposição, na medida em que as conjeturas podem ser consideradas como cálculos exatos com base na teoria das probabilidades, e a

¹⁴⁶ Charles Bonnet (1720-1793), naturalista suíço.

¹⁴⁷ Ibid., 66.

¹⁴⁸ Canguilhem, “Qu'est-ce que la Psychologie?”, 366.

exatidão fundamentada no formalismo depende, para se manter, da separação de axiomas e leis dos grupos de símbolos¹⁴⁹.

Uma ciência conjectural é definida por Popper como aquela que preserva a doutrina galileana segundo a qual a aspiração do cientista é alcançar uma explicação verdadeira dos fatos observáveis, uma descrição verdadeira do mundo, ou de alguns de seus aspectos, mas também aquela que inclui a condição de o cientista nunca poder saber com certeza se suas descobertas são verdadeiras, embora ele possa algumas vezes estabelecer com razoável certeza que uma teoria é falsa. Mesmo que não se possa mostrar que são verdadeiras, algumas teorias podem ser “submetidas a severos testes críticos”¹⁵⁰.

O conceito de objeto em psicanálise está associado ao de pulsão, e supostamente só pode ser submetido aos testes críticos da clínica, uma vez que não corresponde a fatos observáveis. A pulsão, para Freud, é um conceito-limite entre o psíquico e o somático, e tem por referenciais a fonte, um processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo; a pressão, a quantidade de força que ele representa; a finalidade, que é sempre a satisfação; e o objeto, a coisa através da qual a pulsão atinge sua finalidade

Se a pulsão é algo construído, como propõe Freud, ela é diferente do instinto, na medida em que se trata de uma montagem entre realidades heterogêneas. Neste artifício há uma visada em direção ao *Drang* que se apoia nos orifícios do corpo. Há, portanto, algo próprio às pulsões que não encontra um objeto para satisfazê-las, mas desta maneira produz um movimento de ir e vir a partir desta fonte (*Drang*) de estimulação constante aos orifícios do corpo. Como não há objeto que satisfaça à

¹⁴⁹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 8.

¹⁵⁰ Popper, “Três Concepções acerca do Conhecimento Humano”, 405.

pulsão, é o próprio movimento que, ao fazer um giro, contorna algo, e é exatamente este algo contornado que Lacan chama objeto *a*¹⁵¹.

Lacan define o objeto *a* e, associando-o ao objeto da psicanálise, ele diz:

O objeto da psicanálise não é outro que aquele que já avancei da função que joga aí o objeto *a*. O saber sobre o objeto *a* seria a ciência da psicanálise? Certamente não!¹⁵²

Estamos diante do seguinte: o sujeito só pode funcionar enquanto corte, enquanto dividido, e o objeto fica definido como uma falta, trata-se pois do objeto da ciência, definido como um furo, uma falta. Que relação é possível conceber entre o objeto em psicanálise e o objeto da ciência? Trata-se da função da falta, Lacan sublinha a importância de se fazer surgir a falta. Falta esta que define uma estrutura necessária para que o corte determine o campo próprio ao sujeito, sujeito da ciência, de um lado, e, de outro, o furo de onde se origina um certo tipo de objeto, o único a reter aquilo que se chama objeto da ciência e como tal pode ser uma espécie de causa¹⁵³. O exemplo utilizado inúmeras vezes por Lacan, até mesmo no Seminário 13, é o do vaso. O utensílio dos rituais sagrados, pois, dá forma ao vazio, constitui o espaço e ao mesmo tempo o vazio em seu interior.

Conclui que o *status* desse objeto é o da falta e só pode ser definido em termos estruturais, que respondem pela causa do desejo.

¹⁵¹ Aula 18, de 18/05/1966, *Seminário. Livro 12: O Objeto da Psicanálise* (inédito).

¹⁵² Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 877.

¹⁵³ Aula de 8/12/1965.

Capítulo 3

A Vocação Científica da Psicanálise

Neste capítulo a discussão se dará em torno da vocação científica da psicanálise, considerando que as perspectivas quanto aos aspectos que a aproximam da ciência em Freud e em Lacan são diferentes. As referências utilizadas por Lacan no texto base *A Ciência e a Verdade* são encontradas na leitura de Alexandre Koyré e Georges Canguilhem.

Além disso, faz-se necessária a localização historiográfica de um ângulo externo ao texto lacaniano. O debate incluirá a posição de diferentes autores, como aqueles que veem a importância da psicanálise no interior da história da psicologia.

Lacan explicita que o conceito de ciência que ele desenvolve segue o fio condutor das elaborações de Alexandre Koyré sobre o tema. Retomaremos então os argumentos apresentados por este autor em dois textos – “Perspectives sur l’Histoire des Sciences”¹⁵⁴ e “Les Origines de la Science Moderne”¹⁵⁵, reunidos na coletânea *Études d’Histoire de la Pensée Scientifique*¹⁵⁶. A escolha atende a critérios de clareza quanto à visão de Koyré sobre a história da ciência e sobre as origens da ciência moderna, como os próprios títulos antecipam, contextualizando os impasses presentes no âmbito da história das ciências no período em que o texto lacaniano foi escrito.

¹⁵⁴ Texto original de uma comunicação feita como resposta a uma exposição de Henry Guerlac no Colóquio de Oxford em julho de 1961. Tanto a tradução inglesa deste texto quanto o de Guerlac foram publicadas na *Scientific Change* (A. C. Crombie, editado em Londres, 1963).

¹⁵⁵ Artigo publicado originalmente em *Diogenes*, número 16, 1956, Paris, Gallimard, 14-142.

¹⁵⁶ Koyré, *Études d’Histoire de la Pensée Scientifique*.

Continuismo X Descontinuismo

O primeiro texto reproduz então um debate sustentado por Koyré ao recuperar os argumentos e as críticas de Guerlac¹⁵⁷ aos historiadores e historiadores da ciência no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX. Concentra em dois termos diferentes, “isolacionista” e “idealista”, os “pecados” sujeitos a crítica. Koyré destaca do texto de Guerlac que suas críticas também servem de argumentos para as suas proposições, quando, por exemplo, este sugere que alguns historiadores negligenciam a ligação entre a ciência pura e a ciência aplicada e desconhecem o papel da ciência como fator histórico. Conclui-se, portanto, que Guerlac afirma a importância da ligação entre a ciência pura e a aplicada.

Koyré, por sua vez, em sua defesa, explicita sua posição considerando que aquilo que, para Guerlac, é ser idealista, para ele, é “uma reação contra as tentativas de interpretar a ciência moderna, *scientia activa operativa*, [acusando-a] de ser uma promoção à técnica”. Identifica esta tentativa de associação entre a ciência moderna e uma promoção à técnica, seja pelo enaltecimento do caráter prático e eficaz da ciência, seja atribuindo ao ativismo do homem moderno e da burguesia em ascensão os motivos para o nascimento da ciência. Mais ainda, justifica esta particularidade do homem moderno, ao diferenciá-lo do homem antigo ou medieval, atribuindo-lhe uma atitude passiva de espectador.

¹⁵⁷ Henry Edward Guerlac (1910-1982) fez a graduação na Universidade Cornell, o mestrado em Bioquímica também na Cornell em 1933 e o doutorado em História Europeia na Universidade Harvard em 1941. Recebeu a medalha George Sarton da History of Science Society em 1973, foi nomeado Guggenheim Fellow em 1978 e Chevalier de La Légion d'Honneur em 1982. Suas principais obras são *Science in Western Civilization*, *Newton on the Continent* e *Lavoisier: The Crucial Year*, tendo por esta obra recebido o Pfizer Prize em 1959.

Essa interpretação pode apresentar-se sob outra aparência, quando se condena a ciência a ser “ciência do engenheiro”, substituindo a inteligência pela pesquisa do fato, utilizando a explicação que sintetiza “a vontade de poder que tende a rejeitar a teoria em proveito da práxis”, transformando o homem num “mestre e possuidor da natureza”, em substituição ao contemplador reverencial. Koyré entende que nos dois casos se está “diante de um desconhecimento da natureza do pensamento científico”¹⁵⁸.

Em defesa de sua posição, Koyré admite ser considerado “idealista”, desde que isto queira dizer

que a ciência da nossa época, assim como a dos gregos, é essencialmente *theoria*, pesquisa sobre a verdade, e dessa maneira ela tem e sempre teve uma vida própria, uma história imanente e que é somente em função dos seus próprios problemas e de sua própria história que ela (a ciência) pode ser compreendida pelos historiadores. Pondera, no entanto, que o “caminho em direção à verdade é cheio de percalços e repleto de erros, e nesta via os fracassos são mais frequentes que os sucessos. Fracassos, a propósito, às vezes mais reveladores e instrutivos do que os próprios sucessos”¹⁵⁹.

A pesquisa que se direciona à verdade, essencialmente *theoria*, poderia sintetizar a concepção de Koyré sobre a ciência: no próprio título do texto base lacanianiano encontramos esta indissolúvel associação entre a ciência e a verdade. No entanto, que tipo de pesquisa Koyré propõe para alcançar a verdade que, diferentemente dos antigos, os modernos realizam?

Retomaremos então o segundo texto empregado como referência por Koyré, “Les Origines de la Science Moderne”, também apresentado sob forma crítica e de

¹⁵⁸ Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 399.

¹⁵⁹ Ibid.

debate entre a sua posição e a de Crombie¹⁶⁰. Tal crítica insere-se num debate historiográfico mais amplo, levando em conta as considerações de Paolo Rossi relativas a esse debate, que ele nomeou “o mito da continuidade”, o qual pode ser resumido, segundo o próprio autor, em três proposições¹⁶¹:

- Existe uma entidade unitária denominada “ciência moderna”.
- Existe um método formulável com relativa clareza, que seria o método científico.
- Este método seria o motor ou fator determinante do crescimento da ciência.

Ao tecer suas considerações sobre essas três proposições, Rossi refere-se a Cassirer¹⁶², para o qual a proposição de número 1 depende da verdade da proposição de número 2, ou, ainda, como fazem todos os neopositivistas, insiste na proposição de número 2. A crítica que Koyré faz a Crombie, segundo Rossi, está no contexto dessas três proposições. Diz: “mas pode-se crer na proposição de número 3, como, por exemplo, A. C. Crombie, e ser criticado por Koyré, que, em substância, aceita como válidas a proposição de número 1 e a de número 2”¹⁶³.

A crítica de Koyré ao ponto de vista de Crombie, segundo Rossi, deve-se, em primeiro lugar, à associação da ciência moderna ao método científico e ao fato de seu avanço contínuo depender deste método. Nessa resenha crítica encontramos a famosa ironia de Koyré à continuidade, em que ele diz:

parece, lendo aquele livro, que desde a época de Aristóteles até a de Galileu todos sempre souberam que era necessário procurar reduzir as combinações complexas a elementos simples e que as

¹⁶⁰ Alistair Cameron Crombie (1915-1996), historiador da ciência, nasceu em Brisbane, Austrália, graduou-se em Zoologia na Melbourne University, e depois se mudou para a Grã-Bretanha. Seu livro *Robert Grosseteste and the Origins of Experimental Science (1100-1700)* serve de base para o debate desenvolvido por Alexandre Koyré.

¹⁶¹ Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*, 122.

¹⁶² Ernst Cassirer (1874-1945), filósofo alemão neokantiano exilado da Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, desenvolveu um pensamento singular sobre a filosofia dos símbolos.

¹⁶³ Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*, 122.

suposições ou hipóteses deviam ser verificadas ou negadas por deduções e confrontos com os fatos: eu seria tentado a aplicar à metodologia a célebre frase de Napoleão sobre a estratégia: os princípios são muito simples, o que conta é a sua aplicação¹⁶⁴.

Assim Koyré afirma sua posição de ruptura com a tradição empirista e evolucionista no campo da história da ciência, crítica à concepção da continuidade que, segundo ele, encontra em A. C. Crombie, seu defensor mais eloquente e mais absoluto. Após um longo elogio à seriedade e ao brilhantismo dos argumentos de seu interlocutor, Koyré retoma estes mesmos argumentos, para depois criticá-los:

Crombie tende a demonstrar não somente que a ciência moderna tem sua fonte mais profunda no solo medieval, mas também que – ao menos em seus aspectos fundamentais e essenciais –, por sua inspiração metodológica e filosófica, ela é uma invenção medieval¹⁶⁵.

O modelo continuísta, presente na história da ciência no início do século XX, representava uma visão mais homogênea do desenvolvimento das ciências: a Grécia antiga era vista como o berço em que acontecera a primeira infância, o Renascimento (com Copérnico, embora a contribuição deste só tenha sido reconhecida no período posterior) era visto como a juventude, e associava-se a maturidade ao século XVII, principalmente considerando Galileu e Newton¹⁶⁶.

Com base em alguns trabalhos, nos quais poderíamos incluir o de G. Bachelard, uma abordagem descontinuísta começa a ganhar força no âmbito do estudo da história da ciência, cuja perspectiva inclui um questionamento do fato de que “a ciência não se desenvolvera de forma acumulativa e homogênea”¹⁶⁷ e que

¹⁶⁴ Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*, 124

¹⁶⁵ Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*.

¹⁶⁶ Alfonso-Goldfarb, *Escrevendo a História da Ciência: Historiografia contemporânea*, 51.

¹⁶⁷ Ibid.

fatores externos a ela pudessem enveredar por uma linha de história intelectual da ciência”¹⁶⁸.

Podemos identificar, na abordagem de Koyré, tanto a filiação ao descontínuismo, quanto a supremacia da teoria em relação à prática. Declara não acreditar na interpretação positivista da ciência – “nem mesmo aquela de Newton, história contada de uma maneira brilhante por Crombie” –, não por renunciar a alcançar o conhecimento do real, aparentemente inacessível (como fazem transparecer os que radicalizam a crítica ao empirismo puro ou mesmo à “filosofia experimental”), mas, ao contrário, sua proposição é que, ao perseguir o real audaciosamente, a ciência progride sob a via sem fim que a conduz à verdade. Conclui, então, que a história dessa progressão da ciência moderna deveria ser mais reconhecida em seu aspecto teórico, ao menos tanto quanto em seu aspecto experimental¹⁶⁹.

As trilhas através das quais o “guia”¹⁷⁰ Koyré orienta a leitura de Lacan na história da ciência aponta para uma “questão de saber se a psicanálise é uma ciência, exatamente pelo fato de que sua práxis não implica outro sujeito que o sujeito da ciência”¹⁷¹.

No contexto deste trabalho, a crítica feita por Koyré a Crombie no debate sobre contínuismo e descontínuismo, teoria e práxis em história da ciência, segundo a qual “na história da lógica das ciências contada por Crombie não somente os aspectos teóricos estão estreitamente associados aos experimentais, mas também

¹⁶⁸ Alfonso-Goldfarb, *Escrevendo a História da Ciência: Historiografia contemporânea*, 52.

¹⁶⁹ Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 77.

¹⁷⁰ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 870.

¹⁷¹ *Ibid.*, 878.

dominam e determinam a sua estrutura”¹⁷², reproduz em certa medida os impasses que Lacan enfrenta ao defender a psicanálise como ciência.

Para Lacan, então, nesse momento de suas articulações entre a psicanálise e a ciência, o apoio nas elaborações dessa perspectiva dentro da história da ciência é oportuno, pois, para ele, há um ponto de ruptura¹⁷³ do qual a psicanálise é tributária – a ruptura com o saber vigente que o advento da ciência moderna estabeleceu.

Nas palavras de Koyré, essa dependência se esclarece:

As grandes revoluções científicas do século XX – também aquelas dos séculos XVII e XIX –, mesmo que fundamentadas em fatos novos – ou a partir da impossibilidade de verificá-los –, são fundamentalmente revoluções teóricas, cujo resultado não seria o de conduzir a uma nova ligação entre elas a partir dos dados experimentais, mas de adquirir uma nova concepção da realidade profunda que sustenta estes dados¹⁷⁴.

¹⁷² Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 86.

¹⁷³ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 883.

¹⁷⁴ Koyré, 86.

Uma Nova Concepção da Realidade

Mais uma retomada do texto base se faz necessária, na medida em que Lacan atribui aos críticos de Freud a ideia de um “pretensso rompimento com o cientificismo de sua época”¹⁷⁵. Lacan defende a posição segundo a qual podemos apontá-lo em sua fidelidade aos ideais de um Von Brücke¹⁷⁶, por sua vez transmitidos pelo pacto através do qual um Helmholtz e um Du Bois-Reymond¹⁷⁷ se haviam comprometido a introduzir a fisiologia e as funções do pensamento, consideradas como incluídas nos termos matematicamente determinados da termodinâmica¹⁷⁸.

Lacan diz, em defesa de sua hipótese, que a psicanálise pertence ao campo científico e que a ruptura de Freud não se dá em relação ao cientificismo de sua época¹⁷⁹, e sim, como já foi inúmeras vezes apontado, em relação à ruptura que o

¹⁷⁵ Lacan, 871.

¹⁷⁶ Ernst von Brücke nasceu em Berlim, em 5 de junho de 1819, e começou ali seus estudos de Medicina, que continuou em Heidelberg, antes de voltar à cidade natal para aperfeiçoar-se junto ao fisiologista Johannes von Müller. Pouco depois, obteve a cátedra de Fisiologia de Königsberg e, a partir de 1849, a de Viena, onde morreu em 7 de janeiro de 1892.

¹⁷⁷ Von Brücke representava, com Helmholtz, Du Bois-Reymond e Carl Ludwig, como ele, alunos de Von Müller, a corrente fisiológica antivitalista, mecanicista e organicista, que procurava reduzir os fenômenos da vida e da psicologia a leis físico-químicas. Freud trabalhou de 1876 a 1882, no Instituto de Fisiologia de Von Brücke, sobre a histologia do sistema nervoso dos peixes, o que lhe permitiria, em 1885, ser nomeado *Privat Dozent* de Neuropatologia. Ele “respeitava acima de tudo” esse prussiano severo e rígido, que não se sentia à vontade na sociedade vienense, mas que era dono de um espírito curioso, tendo sido inventor de uma escrita “universal” e autor de artigos que tratavam tanto de artes quanto das bases fisiológicas da poesia alemã. Lembre-se que foi no laboratório de Von Brücke que, segundo o próprio Freud confessou, “encontrou enfim o repouso e uma plena satisfação, assim como pessoas que podia respeitar e tomar como modelos”, e onde ficou conhecendo Breuer e fez amizade com os fisiologistas Exner e Von Fleischl-Marxow.

¹⁷⁸ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 871.

¹⁷⁹ A vertente humanística e literária da formação de Freud acaba se mesclando e servindo de contraponto a uma outra tendência que entra em cena quando do ingresso na Faculdade de Medicina, em 1873. Os estudos universitários introduzem o jovem Freud na fortíssima tradição da ciência experimental e positivista, hegemônica entre seus mestres. Se no início ainda teve interesse pelos estudos filosóficos (frequentou o seminário de Brentano por três anos), aos poucos foi se convertendo ao materialismo que embasava as ciências naturais até mesmo nas áreas de pesquisa por ele percorridas, cujo marco nesse trajeto é o estágio realizado no Instituto de Fisiologia dirigido por Ernest von Brücke (Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*).

“advento da ciência moderna” produziu, cujo principal efeito é uma disjunção entre o saber e a verdade nos diferentes campos do conhecimento humano.

Retomamos a conhecida comparação feita por Freud entre os efeitos escandalosos provocados pelas primeiras exposições psicanalíticas e dois outros efeitos, um provocado no século XVII pela cosmologia de Galileu e outro, no século XIX, pela biologia de Darwin. Nestes três casos, o homem perdeu três grandes ilusões: a ilusão da coincidência com o centro do mundo, da filiação a uma genealogia singular e a ilusão “de acessar a total consciência de si”. Isto é, os efeitos escandalosos não necessariamente anunciavam uma ruptura, e sim uma resistência a renunciar a que a cada verdade corresponda um saber¹⁸⁰.

Se a ciência não tem memória, segundo Lacan, e o passado de uma ciência não se confunde com a mesma ciência em seu passado¹⁸¹, segundo Canguilhem, isto nos aproxima da elaboração lacaniana de que há separação entre a verdade como causa e o saber posto em prática¹⁸².

Essa relação com o saber preserva o nome de *cogito*, cuja origem carrega a marca do momento cartesiano e as inserções históricas que, segundo Lacan, influenciaram o pensamento freudiano: a ordem capitalista e a ética burguesa¹⁸³.

Trata-se então para Freud de uma fenda, de uma ruptura na relação do “ego” com o si mesmo, “numa abertura do sujeito, para apreender o que ele recebe ali da verdade”¹⁸⁴.

Segundo outros autores¹⁸⁵, a noção de inconsciente deixa claro o caráter paradoxal do empreendimento freudiano: de um lado, evidencia-se uma herança do

¹⁸⁰ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 884.

¹⁸¹ Canguilhem, 13

¹⁸² Lacan, 884

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid., 887.

¹⁸⁵ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 371.

romantismo alemão, com o qual compartilha interesses em temas como a sexualidade, a morte e a loucura; de outro, Freud pretende “esclarecer os mecanismos e leis que regem o funcionamento do inconsciente”.

A ambição de Freud sempre foi considerar a “psicanálise como uma ciência da natureza, na melhor tradição positivista em que foi formado”. Ainda segundo historiadores da psicanálise, seus ideais científicos estavam impregnados das ideias iluministas do século XVIII¹⁸⁶.

Se Freud está bem posicionado com as referências científicas de sua época, o contexto intelectual em que Lacan busca seus pontos de apoio representa uma perfeita ebulição na qual ferviam, segundo alguns autores, de um lado, o domínio das ciências empíricas e, de outro, o campo filosófico, separados¹⁸⁷.

Paolo Rossi descreve esse momento de ebulição cultural da seguinte maneira: “Nasce a ciência, desaparece o pensamento”. Esta frase, atribuída a Heidegger, explicita um movimento dentro do pensamento europeu em meados do século XX. Aparece uma rejeição ao conhecimento científico e racional do mundo; surge, além disto, uma oposição militante à modernidade:

daí nasceram uma identificação da modernidade com o diabólico, o vulgar, o absolutamente negativo; uma reivindicação da subjetividade como lugar de salvação; um profetismo vago, ameaçador e moralístico, incapaz de previsões¹⁸⁸.

Uma das consequências da crítica ao discurso científico, ainda segundo Rossi, é a generalização da ciência, da técnica e da indústria, formando-se

¹⁸⁶ Segundo o Iluminismo, o homem deve dispor livremente de sua razão para fazer avançar seu conhecimento racional sobre as trevas da superstição e da ignorância; com o otimismo epistemológico que lhe é característico, o Iluminismo aposta no progresso da ciência rumo à descoberta dos princípios verdadeiros, universais e objetivos que regem o mundo natural e dos homens.

¹⁸⁷ Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 37.

¹⁸⁸ Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*, 13.

lentamente uma espécie de base teórica e cultural comum sobre a qual se superpõem – de maneira diversa e muitas vezes mal misturados – temas e motivos tratados indiferentemente por Kierkegaard e pelo jovem Marx, por Nietzsche, por Freud, por Heidegger, pelo último Husserl e por Adorno. Um heideggerismo tardio que veste com frequência as roupas do marxismo, um obscurantismo científico disfarçado de pensamento revolucionário¹⁸⁹.

A perspectiva dada por Paolo Rossi opera como um contraponto aos argumentos de uma suposta nostalgia, alimentada por alguns autores, contra o racionalismo, ao sustentar a tese de que este teria “separado da ciência seus fundamentos filosóficos”, privilegiando “a fratura entre sujeito e objeto”, e também ao considerar o ataque ao racionalismo um “produto da razão independente do homem cartesiano, que teria gerado conjuntamente a racionalização e o irracionalismo”¹⁹⁰. Nesse texto, o autor localiza e critica esse debate, contemporâneo a *A Ciência e a Verdade*. Mas é com base nos argumentos do próprio Lacan que poderemos especificar sua inserção nesse contexto intelectual, ressaltando sua posição epistemológica, em que coincidem o campo da psicanálise e o da ciência, desde que

tudo o que há para dizer da verdade, que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, é por isso mesmo que o inconsciente que a diz é estruturado como uma linguagem¹⁹¹.

A psicanálise situa-se, para Lacan, em relação à ciência moderna, como já vimos anteriormente, em concordância com a visão de ciência defendida por Alexandre Koyré¹⁹², o que implica aceitar a premissa de que “a incidência da verdade como causa na ciência deve ser reconhecida sob o aspecto de causa formal, e isso será para esclarecer que a psicanálise, ao contrário, acentua seu

¹⁸⁹ Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*, 14.

¹⁹⁰ *Ibid.*, 21.

¹⁹¹ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 882.

¹⁹² Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 11.

aspecto de causa material”¹⁹³. Esta causa material é propriamente, segundo Lacan, o significante, separado de sua significação¹⁹⁴. Define o sujeito do inconsciente, enquanto sujeito do significante veiculado através do significante em relação a outro significante, e não articulado a uma significação.

Lacan reconhece sua dívida com Koyré, mais uma vez, ao dizer que a mudança na posição do sujeito – separação entre significante e significação – foi inaugurada com o nascimento da ciência moderna, assim como, para Koyré, “a revolução do método” proposta por Descartes provém de uma nova concepção sobre o saber¹⁹⁵. Além disso, a ciência reforçaria esta posição cada vez mais, já que o pensamento humano formula-se em sistemas. Isto implica que haja uma imagem, ou uma concepção do mundo sustentando essa nova relação com o saber, por exemplo, “a mística de Boeheme é rigorosamente incompreensível sem a referência à nova cosmologia criada por Copérnico”¹⁹⁶. Poderíamos atribuir a mesma lógica à declaração de Lacan de que “é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência no século XVII”¹⁹⁷.

Traçamos aqui uma analogia com os argumentos de Koyré, que descreve a “revolução científica como fonte e resultado de uma profunda transformação espiritual que estremeceu não somente o conteúdo, mas o enquadramento de nosso pensamento”¹⁹⁸, mudança na qual o homem perdeu seu lugar no mundo, ou ainda perdeu o próprio mundo, onde se organizavam sua existência e o objeto de seu saber. “Por isso a descoberta de leis muito simples, como a da queda dos corpos,

¹⁹³ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 890.

¹⁹⁴ Ibid.

¹⁹⁵ Koyré, 13.

¹⁹⁶ Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 391

¹⁹⁷ Jacques Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 871.

¹⁹⁸ Koyré, 13.

demorou tanto para ser elaborada”¹⁹⁹. A inércia era impensável na Antiguidade²⁰⁰, assim como o inconsciente freudiano, sustenta Lacan.

¹⁹⁹ Koyré, *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*, 13.

²⁰⁰ Ibid.

Psicanálise e Psicologia

A tese que buscamos fundamentar no presente trabalho, a de que a psicanálise insere-se no campo da ciência por meio do sujeito, define este sujeito como idêntico ao da ciência, precisamente por entender o sujeito enquanto signo de um ponto de desvanecimento, isto é, sujeito enquanto corte.

Esse sujeito próprio do inconsciente difere radicalmente do objeto da psicologia, já que a psicologia nasce no ponto em que a prática do homem encontra sua própria contradição, segundo Foucault. Desta maneira, podemos considerar que a origem da psicologia coincide com o início de uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, intensificando uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo. Assim sendo, a psicologia do desenvolvimento nasceu como reflexão sobre as interrupções do desenvolvimento; a psicologia da adaptação, como uma análise dos fenômenos de inadaptação; as da memória, da consciência, do sentimento surgiram como uma psicologia das perturbações afetivas²⁰¹.

Outra importante diferença entre a origem da psicanálise e a da psicologia situa-se no fato de a psicologia buscar seu objeto e método de estudo em relação à ciência pautada pelos modelos próprios a ela, ciência moderna – seja o físico-químico, em que duas formas de pesquisas fazem-se presentes. E a primeira delas – a universalização newtoniana – tenta, com base nos fatos, ter acesso a leis mais gerais; já a segunda reduz os fenômenos complexos a elementos simples, como a análise química para os corpos compostos. Seja o modelo orgânico, cujo propósito é definir a realidade humana por sua natureza orgânica, assim o psiquismo, como

²⁰¹ Foucault, *Problematização do Sujeito*.

organismo, é caracterizado por sua espontaneidade, sua capacidade da adaptação e seus processos de regulação interna. Finalmente, ainda segundo a classificação de Foucault, temos o modelo evolucionista: no qual o fato psicológico só tem sentido em relação a um passado e a um futuro.

O modelo evolucionista dá suporte às considerações de Leal Ferreira, pois ele entende que a psicologia vai buscar adequar-se às exigências da ciência apoiando-se nos “conceitos e métodos” das ciências naturais por meio da captura dos conceitos dessas ciências e, com base nesta apropriação, retira-os de seu contexto científico, elevando-os à categoria de “entes transcendentais”, adaptando-os à prática do conhecimento de si.

Assim, poderíamos ver os conceitos de energia e equilíbrio, fundamentais na termodinâmica, serem transformados na noção de boa forma no gestaltismo e no princípio do prazer na psicanálise. A primeira – *Gestalt* – conduz estes conceitos a uma visão fundamentalmente do homem, e a segunda – Psicanálise – conduz a uma concepção desejante do homem, embasada nos circuitos energéticos do aparelho psíquico²⁰².

Numa outra perspectiva, o homem, segundo Dilthey, não apreende o que ele é “ruminando sobre si mesmo”, ele o apreende pela história. Ora, o que a história lhe ensina é que ele não é um elemento segmentar dos processos naturais, mas uma atividade espiritual cujas produções depositaram-se sucessivamente no tempo como atos cristalizados, significações doravante silenciosas.

Uma conclusão a que se pode chegar com Foucault é que a gênese do conjunto psicológico não é um processo mecânico, nem uma evolução biológica, é um movimento próprio do espírito, situando a compreensão e a explicação em posições opostas²⁰³.

²⁰² Jacó-Vilela *et al.*, *História da Psicologia*, 38.

²⁰³ Foucault, *Problematização do Sujeito*, 128.

A ideia de que a busca da verdade de si não se dá pelo método reflexivo, mas em poder diferenciar, nos fenômenos patológicos, aqueles processos orgânicos referidos à explicação causal das reações, daqueles cujo desenvolvimento da personalidade envolve uma significação vivida passível de ser compreendida pela psicologia. Desta maneira entende-se a separação entre a compreensão própria ao campo da psicologia e a explicação encontrada em causas naturais.

A psicanálise, por sua vez, encontra associada à sua origem a importância histórica de seus conceitos serem “impuros” e responsáveis por uma “reviravolta” no campo da psicologia. A propósito disto, foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações. Ou ainda que a evolução cedeu lugar à história e que o apelo à natureza foi substituído pela exigência de analisar o meio cultural. Em síntese, a consciência e o inconsciente não são dois mundos justapostos, são sim duas modalidades de uma mesma significação²⁰⁴.

Para Lacan, o inconsciente mostra que o desejo humano está preso à proibição, e que o conceito freudiano de pulsão – nada tem a ver com o instinto – é que vai dividir o sujeito e o objeto, o qual “só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa, tal é a estrutura da fantasia”. A pulsão ter uma “coloração sexual” foi proposto por Freud “como a cor do vazio: Suspensa na luz da hiância”²⁰⁵. Se o desejo está agarrado à proibição, é necessário uma crise (a do Édipo) para que aconteça a maturação sexual. No entanto, Lacan atribui ao psicólogo a deturpação desta descoberta, ao extrair desta uma psicoterapia que infantiliza o adulto. O desejo não visa uma gratificação, não

²⁰⁴ Foucault, *Problematização do Sujeito*, 130.

²⁰⁵ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 865.

está submetido a uma moral, é, portanto, segundo Lacan, desejo de desejo, desejo do Outro, submetido a leis²⁰⁶.

²⁰⁶ Lacan, *Escritos: A Ciência e a Verdade*, 867.

Considerações Finais

O psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981), ao romper com o estudo oficial da psicanálise, no âmbito da IPA²⁰⁷, em 1964, propõe uma mudança radical na prática psicanalítica. Funda a Escola Freudiana de Paris²⁰⁸, cuja estrutura institucional é bastante diferente daquela proposta por Freud em 1910. Na clínica inclui o famoso método da sessão curta²⁰⁹ e na teoria busca uma aproximação da psicanálise com a ciência de sua época.

A presente pesquisa buscou localizar então no texto *A Ciência e a Verdade*, de 1966, os argumentos com os quais Lacan justifica o cientificismo²¹⁰ da psicanálise, verificando, pela análise, se estas justificativas são consistentes e onde se apoiam. Trata-se de uma pesquisa documental em História da Ciência, precisamente em História da Psicologia, seguindo a linha de pesquisa de História e Teoria da Ciência, envolvendo o estudo do texto acima citado. A escolha do texto deveu-se a encontrar na transmissão escrita de Lacan os pressupostos apresentados dentro de uma linguagem que lhe é própria. Como é amplamente conhecido e já apresentado no decorrer da pesquisa, o ensino de Lacan está subdividido em dois tipos diferentes de textos. Os *Escritos*, publicados em 1966, textos que foram escritos por Lacan, e os Seminários (1953-1977), relativos à transmissão oral. A publicação de cada seminário segue a orientação do editor – Jacques-Alain Miller –, que adaptou para um texto editado os seminários ministrados por Lacan durante 26 anos consecutivos. A publicação desses textos ainda não está

²⁰⁷ IPA é a sigla de International Psychoanalytical Association, fundada por Sandor Ferenczi e Sigmund Freud em 30/3/1910.

²⁰⁸ A EFP, sigla da École Freudienne de Paris, foi fundada por Jacques Lacan em 21/6/1964.

²⁰⁹ *Séance courte* – mudança na técnica psicanalítica introduzida por Lacan que consiste em dissolver radicalmente o tempo da sessão analítica.

²¹⁰ Para Lacan, nos anos 60 do século XX, a palavra “cientificismo” não tinha o mesmo sentido pejorativo que tem hoje.

completa e segue uma ordem estabelecida pelo editor, que não corresponde a uma cronologia. Atualmente já se transformaram em livros 14 seminários: os de número 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 16, 17, 18, 20, 23. Nesta pesquisa também foram utilizados como documento as cópias transcritas de gravações de participantes na plateia do Seminário 13 (1965-1966), “O Objeto da Psicanálise”, e do Seminário 12 (1964-1965), “Problemas Cruciais da Psicanálise”, hoje disponíveis para divulgação interna no âmbito das instituições psicanalíticas.

A pesquisa foi dividida em três partes, que correspondem a três capítulos da dissertação, estruturados em torno dos seguintes focos: o sujeito da ciência, o objeto da psicanálise e a vocação científica da psicanálise.

A aproximação da psicanálise em relação à ciência no texto base é promovida por Lacan, como já vimos, ao utilizar-se de alguns argumentos que foram analisados no desenvolvimento da pesquisa, entre os quais poderíamos ressaltar principalmente: 1) “é impensável que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvessem tido lugar antes do nascimento da ciência”; 2) “não há a ciência do homem, porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” 3) o sujeito da psicanálise é o sujeito da ciência.

No primeiro capítulo, buscamos trabalhar, por meio da leitura das referências freudianas apresentadas por Lacan no texto base, o argumento de que há uma equivalência entre o sujeito da ciência e o inconsciente freudiano.

A descoberta freudiana, segundo Lacan, no Seminário 12, na aula do dia 9 de junho de 1965, é que há um “eu penso”, no qual um saber está separado de outro saber, então, ou eu penso, ou eu sou: lá onde eu penso, eu não sei quem eu sou e não é onde eu penso, que se articula algo da ordem do eu sou; portanto, é neste intervalo entre o ser e o pensar que se localiza o *status* do sujeito do inconsciente.

O sujeito da psicanálise é idêntico ao da ciência, se a visão de ciência for aquela, compartilhada com Lacan, de que a ciência é um modo de produção de saber, de tal maneira que possibilita ao saber ser acumulado. E que tanto a pesquisa científica quanto a psicanalítica buscam saber como o sujeito sustenta-se diante da acumulação de saber, separada dele.

O apoio de Lacan na linguística como ciência e na lógica como instrumento para identificar esta sustentação é bastante coerente com o contexto intelectual da França no início do século XX.

Uma das conclusões que este estudo permite alcançar é que, no âmbito da história da ciência, Lacan busca diferenciar a psicanálise da psicologia por meio da identificação do objeto de estudo próprio a cada uma destas disciplinas. Diferenciação necessária, pois nesse momento em que Lacan trabalha a psicanálise está incluída no conjunto dos saberes e práticas psicológicas.

O desenvolvimento deste trabalho deu-se ao retomar, no texto base, o próprio questionamento de Lacan, que versa sobre o homem como objeto da ciência, em diferentes campos do saber, seja como “homem primitivo”, para a antropologia, seja como um indivíduo que tem um comportamento, para a psicologia, ou mesmo como a criança, para a pedagogia ou educação. Entendemos que para que apareça a diferenciação clara do objeto da psicanálise e das outras ciências humanas, já que não se trata de identificar o homem como objeto de estudo, exige-se algo mais. E foi no próprio texto base que buscamos esses outros argumentos para melhor sustentar essa diferenciação, que não se restringe à distinção do método ou do objeto.

Claro está que, se a psicanálise se quer ciência, ela tem de ter um objeto próprio de estudo: é neste sentido que entendemos a dificuldade de Lacan em circunscrever exatamente de qual objeto se trata, fazendo então um caminho de

extração com base nas diferenças entre a psicanálise e outras áreas tangenciadas por ela. A magia e a religião são as outras duas abordagens que, além da psicologia, se prestam, comparativamente, a essa tarefa de extração.

Como já desenvolvemos no caso da psicanálise, há uma divisão constitucional do homem entre o saber e a verdade, e esta separação é impossível de ser suturada. Esta impossibilidade abre outra linha de pesquisa, que pretendemos seguir, consistindo nos caminhos de busca da verdade, dos diferentes conceitos de verdade, a que Lacan alude no texto em questão e que, além disto, são complementares a seus argumentos com relação ao saber. No entanto, seria contraditório que aí encontrássemos uma fusão perfeita, portanto, não duvidamos que aí se mantenha algo da ordem da inconsistência entre o saber e a verdade. Perdeu-se a ilusão de um saber que se complete numa apreensão de toda a verdade.

Entendemos que foram necessárias algumas ações combinadas – no campo psicanalítico, instituiu-se o retorno a Freud, no debate com a psicologia, insistiu-se na importância do conceito de inconsciente e, quanto à visão de ciência, busca-se seu apoio na equivalência da unidade mínima na linguística, por meio de uma identificação com a antropologia estrutural – para Lacan aproximar, mediante o método analítico, a identificação do objeto dessas diferentes disciplinas da própria estrutura.

Relançar a importância da proposta freudiana do inconsciente foi necessário também por desenvolver, no interior das discussões psicanalíticas, um retorno aos fundamentos freudianos, principalmente à primeira tópica – com a divisão entre consciente e inconsciente. Sem isto, seu argumento – mostrando ser o campo da psicanálise o mesmo que o da ciência – não se sustentaria, naquele momento, uma

vez que para ele as elaborações freudianas tributárias da concepção de homem moderno sofreram um desvio no entendimento dos pós-freudianos. Para Lacan, estes haviam preterido os aspectos mais intelectuais da psicanálise em prol de um estudo da vida afetiva, e com isto afastaram-na da ciência.

Logo, podemos concluir que, se o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente, o sujeito da articulação significante é, portanto, o representante da autonomia simbólica, e podemos dizer que há leis universais regulando o funcionamento do inconsciente.

A analogia estabelecida na relação da língua com a linguagem, em sua diferenciação com a fala, duplica-se na relação do sujeito do inconsciente com a linguagem, em sua diferenciação com o eu.

Dito de outra maneira, se a psicanálise enquanto práxis é a cura pela palavra, é porque na ação de falar para um outro – o analista – dois movimentos se processam: num primeiro, instaura-se um outro como lugar da linguagem e da verdade, e, num segundo, constitui-se um eu diferente de um outro, permitindo assim diferenciar o eu do outro, o eu do sujeito do inconsciente.

Outra importante conclusão é que, com base na afinidade das elaborações lacanianas com a visão de história da ciência de Alexandre Koyré – “uma linha de história intelectual da ciência”²¹¹ –, estabelece-se um privilégio da teoria em relação à prática. A partir daí podemos extrair um tripé de sustentação das elaborações lacanianas: o arcabouço teórico proposto por Freud e revisitado por Lacan, a clínica psicanalítica, e os estudos no campo da lógica e da topologia.

Chegamos à conclusão de que a psicanálise, na visão de Lacan, tinha, e continua tendo, de enfrentar dois grandes obstáculos para localizar-se no campo

²¹¹Alfonso –Goldfarb *et al*, *Escrevendo a História da Ciência*, *Historiografia contemporânea*, 52.

científico – o primeiro diz respeito ao debate sobre a questão do objeto, localizado propriamente na ciência, e o segundo refere-se à diferenciação com a psicologia.

Esses obstáculos funcionam como desafios para dar prosseguimento à pesquisa atual, buscando na relação da verdade no campo da magia uma área fértil para esse esclarecimento, se não para a psicanálise enquanto ciência, mas no âmbito do estudo da história da ciência.

Uma pesquisa futura visará a aprofundar uma investigação das influências da magia nas elaborações conceituais da psicanálise, retomadas desde uma perspectiva diferente daquela da eficácia simbólica.

No decorrer de todo o trabalho foi considerada a proposição lacaniana de que há uma divisão subjetiva, na qual o saber e a verdade não se misturam nem se confundem; optamos, então, por trabalhar neste texto os argumentos que estivessem relacionados ao saber. Esperamos encontrar na pesquisa sobre a verdade no campo da magia uma abertura para avançar neste debate sobre a psicanálise enquanto ciência, que até os dias atuais não foi concluído.

Referências Bibliográficas:

Alfonso-Goldfarb, Ana M. *O que É História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

Alfonso-Goldfarb, Ana M., & Maria H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Editora Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2004.

Bachelard, Gaston. *Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado*. Trad. Estela dos S. Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

Brozek, Josef, & Marina Massimi, orgs. *Historiografia da Psicologia Moderna*. Trad. J. A. Ceschin, & Paulo José C. da Silva. São Paulo: Loyola, 1998.

Canguilhem, Georges. *Idéologie et Rationalité dans l'Histoire des Sciences de la Vie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2000.

_____. *O Normal e o Patológico*. Trad. Maria T. R. de C. Barrocas, & Luiz O. F. B. Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Qu'est-ce que la Psychologie?: Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences: Concernant les Vivants et la Vie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002.

Cazeneuve, Jean. *Lucien Lévy-Bruhl: Sa Vie, Son Œuvre, avec un Exposé de sa Philosophie*. Collection Philosophes. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

Certeau, Michel de. *Histoire et Psychanalyse: entre Science et Fiction*. Paris: Gallimard, 1987.

Charraud, Nathalie. *Lacan et les Mathématiques*. Paris: Economica, 1997.

Chaumon, Franck. *Lacan: La Loi, le Sujet et la Jouissance*. Paris: Michalon, 2004.

Delrieu, Alain. *Lévi-Strauss Lector de Freud: le Droit, l'Inceste, le Père, et l'Échange des Femmes*. Paris: Point Hors Ligne, 1993.

Descartes, René. *As Paixões da Alma*. Coleção Os Pensadores, vol. 15. Trad. J. Guinsburg, & Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 1973.

_____. *Discurso do Método*. Coleção Os Pensadores, vol. 15. Trad. J. Guinsburg, & Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril, 1973.

Dosse, François. *História do Estruturalismo: O Campo do Signo*. Vol. 1. Trad. Álvaro Cabral. Bauru (SP): Edusc, 2007.

Fink, Bruce. *O Sujeito Lacaniano*. Trad. Maria de L. S. Câmara. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Foucault, Michel. *Doença Mental e Psicologia*. Biblioteca Tempo Universitário, vol. 11. Trad. Lilian R. Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Coleção Ditos & Escritos, vol. 1. Org. Manoel B. da Motta. Trad. Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. *O Nascimento da Clínica*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. José T. Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Freud, Sigmund. *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 12. Trad. José O. de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Freud, Sigmund. *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 19. Trad. José O. de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *O Ego e o Id: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 19. Trad. José O. de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Fetichismo: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 21. Trad. José O. de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *A Divisão do Ego no Processo de Defesa: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 23. Trad. José O. de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Jacó-Vilela, Ana M., Arthur A. L. Ferreira, & Francisco T. Portugal, orgs. *História da Psicologia: Rumos e Percursos*. Coleção Ensino da Psicologia. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

Jakobson, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein, & José P. Paes. São Paulo: Cultrix, s.d.

_____. *A Fonologia em relação com a Fonética*. Coleção Os Pensadores, vol. 49. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Abril, 1975.

Koyré, Alexandre. *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*. Paris: Gallimard, 1973.

_____. *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*. Trad. Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

Lacan, Jacques. *O Seminário. Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise*. Trad. Marie C. L. Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Lacan, Jacques. *O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Écrits : La Science et La Vérité*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

_____. *Escritos: A Ciência e a Verdade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Escritos: Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Escritos: A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

“Lacan on Science and Truth.” Ed. Ellie Ragland-Sullivan. *Newsletter of the Freudian Field*, vol. 3, nº 1 & 2, 1989.

Lévi-Strauss, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

_____. *Antropologia Estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Milner, Jean-Claude. *A Obra Clara: Lacan, a Ciência, a Filosofia*. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Ogilvie, Bertrand. *Lacan Le Sujet*. Collection Philosophies. Paris: PUF, 2005.

Ottavi, Dominique. *De Darwin a Piaget – para uma história da psicologia da criança*. Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

Périer, Gilberte. *A Vida de Pascal*. Coleção Os Pensadores, vol. 16. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril, 1973 [Gilberte Périer era irmã de Pascal].

Piaget, Jean. *Biologia e Conhecimento*. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

_____. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *A Construção do Real na Criança*. Trad. Ramon A. Vasques. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*. Trad. Álvaro Cabral, & Christiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

_____. *Epistemologia Genética*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Porge, Erik, & Antonia Soulez, orgs. *Le Moment Cartésien de la Psychanalyse: Lacan, Descartes, le Sujet*. Collection Les Cahiers d'Arcanes. Paris: Arcane, 1996.

Popper, Karl R. *A Lógica da Investigação Científica*. Os Pensadores. Vol. 44. Trad. Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril, 1975.

Rossi, Paolo. *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora Unesp, 1992.

Roudinesco, Elisabeth. *Jacques Lacan: Esboço de uma Vida, História de um Sistema de Pensamento*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Roudinesco, Elisabeth, & Michel Plon. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Fayard, 1997.

Russell, Bertrand. *A Análise da Mente*. Trad. Antonio Cirurgião. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Saussure, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José P. Paes, & Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

Severino, Antônio J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

Uexküll, Jakob V. *Dos Animais e dos Homens*. Trad. Alberto Candeias, & Aníbal G. Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)